



**UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE LICENCIATURA EM PEDAGOGIA**

HORTÊNCIA BARRETO MENDES DE FIGUEIREDO

**AS CRIANÇAS, AS PROFESSORAS E SEUS PONTOS DE
VISTA SOBRE A MORTE E O LUTO EM UM CONTEXTO DE
PANDEMIA**

Salvador
2022

HORTÊNCIA BARRETO MENDES DE FIGUEIREDO

**AS CRIANÇAS, AS PROFESSORAS E SEUS PONTOS DE
VISTA SOBRE A MORTE E O LUTO EM UM CONTEXTO DE
PANDEMIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada no Curso de Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Marlene Oliveira dos Santos

Salvador - BA
2022

HORTÊNCIA BARRETO MENDES DE FIGUEIREDO

**AS CRIANÇAS, AS PROFESSORAS E SEUS PONTOS DE
VISTA SOBRE A MORTE E O LUTO EM UM CONTEXTO DE
PANDEMIA**

Monografia apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada no Curso de Pedagogia, pela Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia.

Salvador, 5 de Julho de 2022.

Banca Examinadora

Marlene de Oliveira dos Santos - Orientadora
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Faced-UFBA
Universidade Federal da Bahia

Silvanne Ribeiro Santos
Doutora em Psicologia Evolutiva e da Educação pela Universidade de Barcelona
Universidade Federal da Bahia

Mariana Carvalho Caribé de Araújo Pinho
Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde de São Paulo, IS/SP
Universidade do Estado da Bahia

Salvador
2022

HORTENCIA BARRETO MENDES DE FIGUEIREDO


**AS CRIANÇAS, AS PROFESSORAS E SEUS PONTOS DE
VISTA SOBRE A MORTE E O LUTO EM UM CONTEXTO DE
PANDEMIA**

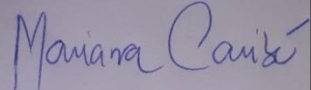
Trabalho de Conclusão de Curso de Licenciatura em Pedagogia, Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, como requisito para obtenção do grau de Licenciada em Pedagogia.

Aprovado em: 05 de julho de 2022

Banca Examinadora

Marlene de Oliveira dos Santos - Orientadora 
Doutora em Educação pela Universidade Federal da Bahia, Faced-UFBA
Universidade Federal da Bahia

Silvanne Ribeiro Santos 
Doutora em Psicologia Evolutiva e da Educação pela Universidade de Barcelona
Universidade Federal da Bahia

Mariana Carvalho Caribé de Araújo Pinho 
Mestre em Saúde Coletiva pelo Instituto de Saúde de São Paulo, IS/SP
Universidade do Estado da Bahia

AGRADECIMENTOS

Chegou o momento de agradecer! Muitas pessoas me ajudaram a chegar até aqui, em um percurso que se iniciou em 2003. O que são 19 anos quando se tem um objetivo a alcançar? Quando eu olhava a frente eu só enxergava um final para esta história. Por isso estou aqui! Algumas pessoas foram essenciais nessa caminhada.

A César, meu marido: pelo companheirismo, pelas reflexões diárias, pelo apoio nos períodos difíceis e por tantos momentos que, juntos, compartilhamos e aprendemos.

A Arthur e Maria: meus filhos queridos que pacientemente dividiram a sua mãe com a estudante. Na medida do possível busquei equilibrar as funções que exercia.

Aos colegas e professores do curso de Pedagogia da UNEB - Campus I (turma 2007.2), do Campus XIII (turma 2017.1) e tantos outros que cruzaram meu caminho no curso de Pedagogia da FACED.

A Prof^a Marlene Oliveira dos Santos, orientadora querida, sempre atenciosa, cuidadosa, ética, dedicada, comprometida e que com tantas qualidades fez a diferença no meu percurso. Você é uma inspiração! Muito obrigada!

Finalizo com um agradecimento especial às crianças que me permitem a cada encontro experienciar novas perspectivas.

*Não tenho medo da morte
Mas sim medo de morrer
Qual seria a diferença
Você há de perguntar
É que a morte já é depois
Que eu deixar de respirar
Morrer ainda é aqui
Gilberto Gil
(2008, faixa 8)*

FIGUEIREDO, Hortência Barreto Mendes de. **As crianças, as professoras e seus pontos de vista sobre a morte e o luto em um contexto pandêmico**. 55 f. 2022 Monografia (Licenciatura em Pedagogia). Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador. 2022.

RESUMO

Esta pesquisa tem como tema a morte e o luto sob o ponto de vista das crianças e das professoras no contexto de pandemia. O objetivo geral delineado foi compreender o que crianças de cinco anos e suas docentes de um Centro Municipal de Educação Infantil de Salvador dizem sobre a morte e o luto. Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com característica do tipo exploratória e descritiva. Os sujeitos da pesquisa são um grupo de quatro crianças e suas professoras que foram ouvidas e tiveram suas expressões analisadas para compreensão dos pontos de vista sobre o tema desta pesquisa. Como suporte teórico metodológico para a produção de dados da pesquisa utilizou-se de autores como Campos (2008), Silva, Barbosa e Kramer (2008), Francischini e Campos (2008), Ludke e André (2013), Marconi e Lakatos (2003). O referencial teórico utilizado no trabalho foi principalmente Kovács (2010; 2012), Torres (2002), Mariotto (2020), Casellato (2018) e Araújo (2020). O tema da morte e a sua relação com a escola encontram suporte teórico também em Kovacs (2010; 2012), Nucci (2018), Naletto (2005). No que se refere à discussão da escola de Educação Infantil, seu currículo e formação de professores, utilizou-se estudos de Bach e Peranzoni (2014), Barbosa e Richter (2015), Coco, Galdino e Vieira (2017), Pinto e Flores (2017) e Santos, Franco e Varandas (2019). Conclui-se que o tema da morte e do luto é invisibilizado na escola. As crianças e as docentes possuem pontos de vista sobre o assunto que refletem seu cotidiano. Não houve discussão sobre o tema da morte e do luto na formação do professor, porém reconhece que a discussão é possível no curso de Pedagogia e para o currículo na Educação Infantil.

Palavras-chave: Morte. Luto. Criança. Educação Infantil. Pandemia de Covid-19.

LISTAS DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EI	Educação Infantil
CMEI	Centro Municipal de Educação Infantil
UFBA	Universidade Federal da Bahia
BNCC	Base Nacional Curricular Comum
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil
CF	Constituição Federal

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	8
2 METODOLOGIA	11
3 A MORTE E O LUTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS	16
3.1 A MORTE, O LUTO E A CRIANÇA	16
3.2 COMO A ESCOLA E O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL LIDAM COM A MORTE E O LUTO?	23
3.3 A PROFESSORA E SUA FORMAÇÃO PARA TRABALHAR COM O TEMA DA MORTE E DO LUTO	31
4 A MORTE E O LUTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA E OS PONTOS DE VISTA DAS CRIANÇAS E DE SUAS PROFESSORAS	35
4.1 O QUE AS CRIANÇAS DISSERAM SOBRE A MORTE E O LUTO	35
4.2 AS PROFESSORAS E SEUS PONTOS DE VISTA SOBRE A MORTE, O LUTO, AS CRIANÇAS E O CONTEXTO ESCOLAR	41
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	48
REFERÊNCIAS	51
APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (professores)	55
APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semiestruturada - Professoras	58
APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais e/ou responsáveis)	60
ANEXO A - Autorização da Secretaria Municipal de Educação	63

1 INTRODUÇÃO

Os temas da morte e do luto ainda causam estranheza, em particular, ao serem abordados no ambiente escolar, porém sabe-se que são temas que fazem parte do ciclo de desenvolvimento humano. A incipiência de discussões sobre estes assuntos na escola reverbera no trabalho da professora, dentro do currículo de Educação Infantil e, principalmente, na relativa falta de acolhimento das crianças enlutadas.

Requisito para graduação no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal da Bahia, esta investigação tem, portanto, como tema geral, a morte e o luto na Educação Infantil dentro de um contexto de pandemia e, de modo específico, objetiva discutir o ponto de vista das crianças e suas professoras em uma turma de um Centro Municipal de Educação Infantil (CMEI) da cidade de Salvador.

Este tema surgiu a partir da observação da autora sobre as consequências objetivas e subjetivas, no dia a dia das crianças, da pandemia de Covid-19, quando a morte e o luto passaram a ser tratados diariamente pela mídia, sociedade e Governo, expondo as crianças a tais temas, provocando-lhes inquietações diretas e, também, por reverberarem em pessoas que as cercam, afetando os pontos de vista de todos sobre o mundo. Como lidar com essa realidade?

Na escola, algumas vezes as professoras podem se sentir despreparadas para abordar esses temas, principalmente com crianças pequenas, pois, além de ser uma lacuna na formação docente, os poucos debates sobre o assunto na instituição não suprem esta carência teórico-prática.

Além disso, as próprias crianças que vivenciam mortes, perdas e/ou lutos podem trazer o tema para o ambiente escolar, pontuando suas inquietações e pontos de vista, que precisam ser ouvidos e acolhidos pelo adulto de referência, algo que nem sempre acontece nos espaços privado e escolar.

A relevância da presente pesquisa se concretiza na medida em que possa contribuir com novas discussões no sentido da compreensão de aspectos sensíveis da realidade escolar infantil advindos da pandemia. A perspectiva de ouvir as crianças, suas professoras, o que elas pensam e sentem sobre as temáticas em análise, em um ambiente escolar, na cidade de Salvador, delineou o método usado. As inferências destas escutas podem auxiliar investigações futuras sobre o assunto,

e sensibilizar para a urgente necessidade de educação para a morte, numa perspectiva do campo da educação, em especial da Infantil. Por outro lado, no que se refere à formação docente, avanços podem ser atingidos a partir desta pesquisa na medida em que vislumbre perspectivas, identifique fragilidades e inspire as mudanças consideradas imprescindíveis às suas práticas com as crianças.

De acordo com dados do relatório “Denúncia de Violações dos Direitos à Vida e à Saúde no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil”, da Sociedade Maranhense de Direitos Humanos e colaboradores (2021, p. 60),

[...] mais de 113 mil menores de idade brasileiros perderam o pai, a mãe ou ambos para a Covid-19 entre março de 2020 e abril de 2021. Se consideradas as crianças e adolescentes que tinham como principal cuidador os avós/avôs, esse número salta para 130 mil no País.

Portanto, o elevado volume de crianças afetadas diretamente pela perda de um familiar, em consequência da pandemia, é suficiente para justificar um olhar cuidadoso para essa questão.

O problema desta pesquisa foi formalizado da seguinte maneira: O que crianças de cinco anos de idade e suas professoras, em um CMEI, dizem sobre a morte e o luto em um contexto pandêmico? O objetivo geral foi compreender os pontos de vista das crianças e suas docentes sobre a morte e o luto. Os objetivos específicos foram identificar se as crianças trazem tais temáticas para a escola e analisar o que as professoras fazem com essas manifestações no cotidiano.

Quanto à metodologia, optou-se pela pesquisa qualitativa, através de instrumento para realização de entrevistas semiestruturadas para escuta das docentes. No caso das crianças, a escuta foi possibilitada por outros instrumentos e procedimentos, como escutas de histórias, produção de desenhos e observações.

As revisões de literatura sobre a morte, o luto e suas interfaces com as crianças, tomaram lugar, inicialmente, com estudos teóricos como os de Kovacs (2010; 2012), Torres (2002), Mariotto (2020), Casellato (2018) e Araújo (2020). O tema da morte e a sua relação com a escola encontram suporte literário também em Kovacs (2010; 2012), Nucci (2018), Naletto (2005), Domingos e Maluf (2003) e Fronza (2015). No que se refere à discussão da escola de Educação Infantil, seu currículo e formação de professores, utilizou-se estudos de Bach e Peranzoni

(2014), Barbosa e Richter (2015), Coco, Galdino e Vieira (2017), Pinto e Flores (2017), Santos, Franco e Varandas (2019).

Por fim, como suporte ao arcabouço metodológico da produção de dados da pesquisa, utilizou-se autores como Campos (2008), Silva, Barbosa e Kramer (2008), Francischini e Campos (2008), Ludke e André (2013) e Marconi e Lakatos (2003).

Este trabalho está organizado em cinco seções. Na primeira - *Introdução* - se faz uma breve apresentação do trabalho e da sua estrutura. A segunda seção - *Metodologia* - descreve o percurso metodológico da pesquisa, caracteriza o seu ambiente e sujeitos. A terceira seção - *A morte e o luto no contexto da pandemia e a Educação Infantil: diálogos possíveis* – discute os referenciais teóricos deste estudo, subdivididos em três subseções: 1) *A morte, o luto e a criança* - na qual é traçado um panorama geral e identificados entrelaçamentos dos três temas, alinhados à pandemia; 2) *Como a escola e o currículo da Educação Infantil lidam com a morte e o luto* – na qual se discute os impactos e situações que envolvem a escola, seu trabalho com a morte e o luto e a abordagem deste temas no currículo da EI; 3) *A professora e sua formação para trabalhar com o tema da morte e do luto* – que discute aspectos da formação da professora. A quarta seção - *A morte e o luto no contexto da pandemia e os pontos de vista das crianças e de suas professoras* - inicia com a análise dos dados encontrados na pesquisa de campo, a partir da escuta das crianças e das entrevistas realizadas com as professoras. Por fim, quinta seção constituem as *Considerações Finais*, espaço de reflexões e inferências a partir dos dados e teorias.

2 METODOLOGIA

Na presente seção será descrita a metodologia deste trabalho e o percurso para responder à pergunta de pesquisa: o que crianças de cinco anos de idade e suas professoras, em um CMEI, dizem sobre a morte e o luto em um contexto pandêmico?

Trata-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa quanto à interpretação do fenômeno que será objeto de investigação. No que se refere aos seus objetivos, possui característica exploratória e descritiva, pois, além de explorar referencial teórico sobre o tema, previu investigar e descrever fenômenos que envolvem determinada amostra, dentro de um universo.

Sobre a pesquisa em educação, Ludke e André (2013, p. 06) afirmam:

[...] à medida que avançam os estudos da educação, mais evidente se torna seu caráter de fluidez dinâmica, de mudança natural a todo ser vivo. E mais claramente se nota a necessidade de desenvolvimento de métodos de pesquisa que atentem para esse seu caráter dinâmico. Cada vez mais se entende o fenômeno educacional como situado dentro de um contexto social, por sua vez, inserido em uma realidade histórica, que sofre toda série de determinações.

No desenvolvimento da pesquisa, a fim de atender a seus objetivos, foi realizada uma investigação bibliográfica para estabelecer interlocuções com autores e referenciais relacionados ao tema, mirando nas publicações recentes e em outras consideradas imprescindíveis para a discussão sobre o assunto em questão, dada sua repercussão acadêmica.

A pesquisa de campo para produção de dados aconteceu entre 25 de abril e 18 de maio de 2022, em um CMEI de Salvador, que se disponibilizou a receber a autora, enquanto graduanda de pedagogia, para realização da pesquisa. Para tanto, foi necessária a autorização da Secretaria Municipal de Educação (ANEXO A), mediante o envio dos documentos solicitados e o contato com a equipe gestora da instituição de educação.

O CMEI onde aconteceu a pesquisa fica localizado em bairro de classe média baixa da cidade. Atende a crianças de dois a cinco anos, nos dois turnos, parcial ou integral. A turma referenciada na pesquisa é um grupo com idade média de cinco anos de idade, de turno parcial, com 23 crianças matriculadas, porém com

frequência de apenas 15, conforme observado em campo. As crianças contam com duas professoras regentes, que se alternam na atividade direta com elas, e uma Auxiliar de Desenvolvimento Infantil (ADI), com carga horária integral em sala de aula.

As professoras e a ADI participantes do estudo são do sexo feminino, com idade entre 30 e 55 anos e com formação em curso superior de Pedagogia. Elas foram apresentadas à pesquisa e, tendo demonstrado interesse de participação, deram seu consentimento e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (APÊNDICE A). As professoras e ADI, sujeitos da pesquisa, foram mencionadas neste trabalho de forma igualitária, por vezes professoras, ora docentes e identificadas através da designação: E1, E2 e E3.

A escuta das professoras sobre os temas da morte e do luto no contexto da instituição de Educação Infantil foi feita logo no primeiro dia de ida a campo, por orientação da coordenação pedagógica da escola e disponibilidade das docentes naquele turno/momento. Elas foram ouvidas por meio de uma entrevista do tipo semiestruturada (APÊNDICE B), cujo áudio foi gravado em aparelho celular adequado, após autorização das professoras. Posteriormente, esses dados foram transcritos e analisados considerando os objetivos da pesquisa, realçando os significados das respostas fornecidas em diálogo com suporte teórico adotado no trabalho.

Segundo Marconi e Lakatos (2003), algumas das vantagens da entrevista é oferecer oportunidade de obter dados que estão à parte da fonte documental, além de ser flexível. Essas características foram importantes para a produção de dados desta pesquisa, visto a complexidade do campo e a necessidade de ser ajustável à demanda da instituição.

A pesquisa de campo aconteceu após 15 dias do início do ano letivo no CMEI, pois devido a uma reforma na estrutura da instituição, houve um atraso no começo das atividades pedagógicas letivas. Essas informações levam a crer que, no momento da pesquisa, as crianças poderiam estar se familiarizando com a escola, vivenciando um processo de adaptação ao espaço escolar e as dinâmicas próprias das interações entre os pares em ambiente coletivo de aprendizagem. Em avaliação posterior, aquele pode não ter sido o melhor momento para a produção de dados, no entanto, foram realizados todos os procedimentos possíveis para que fosse garantido um agir ético e respeitoso quanto às crianças e às professoras.

Sobre as pesquisas com crianças, segundo Silva, Barbosa e Kramer (2008, p. 90),

[...] temos que lembrar que esses são sujeitos imersos em contextos que nos são aparentemente familiares que, de modo especial, as crianças não têm muitas oportunidades de se colocar como sujeitos, mesmo diante das conquistas atuais no que diz respeito aos direitos da criança.

Desta forma, reconheceu-se a necessidade de escutar as crianças enquanto sujeitos e esta foi uma das finalidades desta pesquisa.

A produção de dados em campo aconteceu durante oito turnos vespertinos, das 13h às 17h, em que a autora esteve na escola, acompanhando o grupo nas suas rotinas e atividades. Dedicou-se a autora, nos cinco primeiros encontros, para aproximação com o grupo em questão.

No caso da observação, como método de produção de dados, Ludke e André (2013) ressaltam a sua oportunidade de facilitar para que o observador compreenda de forma mais próxima a "perspectiva dos sujeitos", no panorama in loco das experiências diárias e com isso apreender o ponto de vista dos sujeitos de pesquisa.

Nos momentos iniciais, observou-se a dinâmica da turma, as interações entre os pares, os adultos, movimentação do grupo, brincadeiras, atividades dirigidas pela professora e livres, com iniciativas das crianças, utilização de materiais diversos (massinhas, blocos, desenhos, jogos etc.). Campos (2008) afirma que, para melhor ouvir as crianças, é necessário que seja desenvolvido um trabalho prévio, com o objetivo de facilitar o diálogo no momento da pesquisa. Desta forma, só a partir de um reconhecimento do vínculo estabelecido com as crianças, a autora iniciou a primeira ação dirigida, como parte da pesquisa. Foram destinados dois dias para essa finalidade e um último encontro de despedida.

Para a finalidade deste trabalho e ainda durante a aproximação da autora com as crianças, a professora regente fez uma sondagem com a turma, para saber quais delas atendiam ao critério estabelecido pela pesquisadora para participação da criança na pesquisa: ter vivenciado a morte de algum conhecido ou vivido o processo de luto na família. Então, ela leu uma história com a temática do medo e logo após oportunizou escutar o que as crianças falavam sobre esse tema. Ela compartilhou sua experiência com a morte de uma pessoa da família e perguntou às crianças se alguma delas já viveu a experiência de perder uma pessoa querida ou

da família. Assim, a partir dos comentários e depoimentos das crianças durante a atividade, quatro delas apresentaram perfil para participação e por isso foram selecionadas.

Posteriormente, essas crianças foram consultadas verbalmente se desejavam ou não participar da pesquisa e através de suas falas deram os seus assentimentos, e só então seus pais ou responsáveis assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, dando a permissão de participação de seus filhos (APÊNDICE C).

Na atividade destinada para escuta das crianças, utilizou-se a mediação de leitura e a literatura infantil como instrumento propulsor do diálogo. No livro infantil escolhido “O que faço com esse buraco?”, Marilu Rodrigues (2020) aborda o tema da morte e do luto na perspectiva de ressignificação da perda, em conformidade com o objeto deste trabalho e respeitando a faixa etária das crianças.

No primeiro momento com as quatro crianças, sujeitos da pesquisa, foi realizado um instante de contação de história, com o objetivo de aproximar as crianças do enredo do livro. Essa atividade foi realizada na sala de referência enquanto o restante da turma estava no parque da instituição.

Em outro dia, segundo momento da ação dirigida, a história foi contada novamente e ao final as quatro crianças tiveram a possibilidade de expressar seus pontos de vista sobre o assunto, valendo-se de diferentes linguagens, tais como: narrativas orais, desenhos e história. Nessa atividade de escuta, foi utilizado o gravador de áudio para registro da experiência e posterior análise. As crianças estiveram por 40 minutos em interação com autora e com os pares para que pudessem se expressar e possibilitar essa escuta de produção de dados.

De fato, Campos (2008), ao definir o papel das crianças nas pesquisas, indica que se deve considerar que crianças menores possuem o obstáculo de se expressarem de forma oral e, por isso, convém levar em consideração outras formas de expressão, entre elas, o desenho. Já segundo Francischini e Campos (2008, p.108):

[...] acreditamos que a criança pode produzir discursos sobre si mesma, sobre o(s) outro(s) e sobre os eventos, de forma que possa existir a partir de seu próprio discurso, de sua maneira própria de ver e de pensar. A emergência desses discursos, no entanto, é possibilitada, mesmo facilitada, com o recurso a procedimentos e materiais diversificados como histórias, produção de desenhos e de pinturas, *bricolage* na construção de espaços e situações.

Nos dois momentos de interação com as quatro crianças, sujeitos da pesquisa, utilizou-se instrumentos de perspectiva discursiva e material diversificado.

Sobre os espaços para a produção de dados, estes foram variados. No primeiro encontro, utilizou-se a sala de referência da turma e, no outro, uma sala desocupada do CMEI, escolhida de acordo com a disponibilidade da escola, alinhado ao planejamento da professora regente. Este segundo espaço, desconhecido pelas crianças, provocou curiosidade e dispersão pela variedade de elementos e estímulos, tais como brinquedos novos. Por isso, ponderou-se que tais considerações interagem com os resultados da pesquisa.

As crianças serão nomeadas neste trabalho com nomes fictícios: Alberto, Bruno, Cauan e Dandara. Todas fazem parte do “Grupo 5” do CMEI e possuem entre cinco e seis anos, a depender da data de aniversário.

O último encontro com a turma foi dedicado ao momento de despedida e encerramento das atividades. Reunidos na sala de referência, a autora retomou o diálogo com as crianças e a proposta de estar naquele grupo e fez a leitura de um livro de histórias, em agradecimento. O livro lido para a turma, “A vaca que botou um ovo” do autor Andy Cutbill (2018), foi escolhido pelo enredo divertido.

Finalmente, reconhece-se aqui a diversidade com que os temas da morte e do luto pode aparecer na infância e, conseqüentemente, na escola. No entanto, esta pesquisa de campo focou na morte e no luto, enquanto possibilidades reais de perda de alguém, da resignificação que é feita no enlutar-se, com a perspectiva de compreender a vivência desses temas dentro de um contexto de pandemia.

3 A MORTE E O LUTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA E A EDUCAÇÃO INFANTIL: DIÁLOGOS POSSÍVEIS

Esta seção discute como os temas da morte e do luto na criança se relacionam de forma conceitual e histórica, considerando as possibilidades dessa temática dentro do contexto da escola de Educação Infantil atualizado com a pandemia de Covid-19. Por fim, apresenta possibilidades desse tema no currículo infantil e na formação das professoras. Esse suporte teórico é necessário para compreender os pontos de vista das crianças e das professoras.

3.1 A MORTE, O LUTO E A CRIANÇA

Sabe-se que a impossibilidade de simbolizar a morte é uma característica que pode influenciar a forma como se lida com ela. Muitas são as ideias, explicações, questionamentos, considerações a respeito deste conceito; no entanto, não existe expressão uniforme, nem resposta que seja completa e universal. Sabe-se que ela faz parte do ciclo de desenvolvimento humano e que será vivida por todos nós.

Ao longo da história, a morte foi encarada de diversas maneiras. Em muitas culturas há uma integração entre a morte e a vida (FREITAS, 2009). No entanto, existe algo do desconhecido, que invoca mistério, ruptura, vazio e que a sociedade procura explicar através da religião e da filosofia.

Philippe Ariès, renomado estudioso sobre o tema da morte, citado por Fronza *et al* (2015), descreve o modo como, aos poucos, a morte vai se tornando interdita; não apenas a pessoa que morreu, mas a sociedade em geral passa a ver nas emoções e agonias da morte algo vergonhoso, que deve ser escondido. Observa-se, portanto, uma mudança na forma como o tema vem sendo tratado, enlaçando-se numa perspectiva de ocultá-la.

Kastenbaum e Aisenberg (1983), citado por Freitas (2009, p. 53), lembram que,

[...] especialmente o século XIV foi um momento da história da humanidade em que se confrontou com a morte como provavelmente nunca na história pregressa. Foi um momento de disseminação de várias doenças malignas, pútridas, lembramos especialmente a peste

negra, além de ser esse o século do auge da violência imprimida pela Inquisição, com a institucionalização da tortura e da morte como instrumentos oficiais de política administrativa.

Nota-se, portanto, que há muito tempo questões envolvendo a morte percorrem a sociedade. Existem influências históricas e culturais, como se observa no Oriente e Ocidente. Países como México e Tibet possuem manifestações próprias e específicas para tratar o tema da morte, com uso intenso da arte como forma de elaboração (FREITAS, 2009).

Na contemporaneidade, a morte tem sido combatida à medida que se ampliam as tecnologias em saúde, que a todo custo tentam preservar a vida enquanto corpo físico. Para tal ação, muitas vezes desconsidera-se o sujeito de forma ampliada enquanto “ser” inteiro ou formado de aspectos psíquicos, sociais, emocionais.

Vivemos numa época em que a morte é ignorada, neste sentido de que não temos muito a dizer sobre ela que não seja em termos científicistas, biológicos e médicos. Termos que acabam por excluí-la, colocá-la à margem, afastá-la para os subsolos dos grandes hospitais, para as morgues e necrotérios, onde ela se prova mais do que nunca um evento à parte do mundo dos vivos. (BIANCO; COSTA-MOURA, 2020, p. 5)

Nessa perspectiva, a morte é vista como algo que deve-se combater e também evitar. Safra (2018) afirma que esse tema saiu da cultura do cotidiano e, por consequência, as pessoas possuem pouco repertório simbólico para lidar com a morte e o luto. Essas questões provocam nas pessoas sentimentos diversos, entre eles tristeza e angústia. Temos acompanhado na sociedade atual uma hipervalorização da felicidade. Sentimentos vistos como “negativos” são sempre tamponados e evitados. Ratificando esse posicionamento, destaca-se o aumento das situações no qual os processos de perdas e lutos são hipermedicalizados prejudicando a sua ressignificação. A medicação nesse período, quando indicada, precisa ser utilizada, porém seu uso indiscriminado é que pode atrapalhar o luto.

Kovacs (2003) fala em morte escancarada quando ela acontece de forma repentina e/ou brusca e chama a atenção para os casos de morte violenta, acidentes, suicídio etc. A morte por Covid-19, em certo sentido, carrega essa característica de acontecer de forma repentina. Considero aqui que ela possa

também ser pensada como uma morte escancarada e suas características influenciam a forma como se dará o processo de elaboração desse luto.

Domingo e Maluf (2003, p. 577) conceituam o luto “como uma constelação de reações psíquicas, conscientes e inconscientes, a uma perda significativa, é uma experiência complexa que transcende o âmbito individual”. O processo de luto é parte fundamental dos momentos de ruptura ou perda significativa e seu desenvolvimento é natural e saudável, sempre necessário para a reelaboração da significação daquela ausência.

O luto pode ser real quando o que foi perdido é passível de materialização, bem como pode ser simbólico, quando envolve pontos de predominância subjetivos. Ambos podem aparecer na escola de Educação Infantil, embora seja percebido com maior frequência o luto simbólico, por exemplo quando há alguma troca de profissionais na instituição, mudança de turma, desfralde etc. Em todo o caso, ressignificar a perda envolve espaço de fala, de escuta, acolhimento e respeito.

A morte e o processo de luto para a criança, assim como para o adulto, convocam-na a uma reação muito singular. Algo em consequência das suas experiências, recursos, rede de apoio, forma como esse tema foi e é tratado dentro de seu ambiente de mais próximo convívio, a família e/ou a escola. Seu processo de elaboração envolve pensar nas significações dadas de forma individualizada pela criança e como isso se relaciona com o seu entorno social. Bowlby, citado por Domingos e Maluf (2003), afirma que a criança manifesta o luto em resposta a alguma quebra de vínculo afetivo e, por consequência, há uma percepção de desamparo.

Sobre isso, Torres (2002, p. 119) afirma que:

O processo e os resultados das reações da criança em relação ao luto dependerão de vários fatores, tais como a idade, a etapa do desenvolvimento que a criança se encontra, de sua estabilidade psicológica e emocional, e da própria significação da perda, isto é, intensidade e diversidade de laços afetivos.

Percebe-se que cada situação vivida pela criança e que envolva o luto terá sua manifestação de modo singular. Cabe, portanto, à família e à escola o acompanhamento de cada uma dessa singularidade, atuando como parceiros no acolhimento da criança.

É importante acompanhar as reações emocionais das crianças perante a morte, pois há, para elas, um desafio que perpassa não só o cognitivo, e sobre o seu pensamento existe algo da ordem do afetivo que está envolvido (TORRES, 2002).

Segundo Kovacs (2012, p. 72):

Como crianças ainda não se expressam bem com palavras, outros recursos são fundamentais, como brinquedos ou desenhos. Buscam o adulto como apoio, que pode acolher e legitimar seus sentimentos, responder perguntas, numa tentativa de ordenar o mundo abalado após perdas significativas.

Portanto, os processos envolvendo a morte e o luto nas crianças incluem reconhecer suas diversas linguagens e a possibilidade de se manifestarem em diversos ambientes, na busca de um adulto de apoio. Esses podem estar inclusive na instituição de Educação Infantil (EI). Consequentemente, a instituição escolar e a professora não devem ficar indiferentes.

Vale destacar também a variedade pela qual o tema da morte é vivido pelas crianças brasileiras. Crianças que moram em periferia podem ter contato direto e constante com este tema, não só pelo viés da morte de uma outra pessoa, como também da sua própria, visto os números expressivos que envolvem a morte de crianças negras nas periferias brasileiras (ARAÚJO, 2020). Todas essas situações também estão passíveis de serem vivenciadas no contexto da instituição de EI. Há uma realidade de crianças que estão cercadas por morte em vários âmbitos do seu cotidiano, seja pela violência, pela fome, pela falta de garantias de direitos etc. A morte, vista de forma ampliada, faz parte da vida das crianças e, apesar dessa realidade social, as escolas, dificilmente tratam da morte e do luto com as crianças. Talvez, isso mostre a tentativa da instituição de fugir desta realidade. Por outro lado, não abre espaço para que a criança possa se expressar sobre o que ela realmente necessita, espaço onde possa ser escutada, acolhida e respeitada.

No caso da morte e do luto, os rituais de despedida são importantes para auxiliar os familiares a atravessarem esse percurso de despedida e de mudança de perspectiva, pois oferecem conforto e suporte de forma construtiva. Eles entrelaçam o individual com o coletivo. No entanto, o que se observa é que “em tempos de morte interdita tira-se a morte de cena das crianças para poupar o sofrimento argumentando-se que não entendem o que está acontecendo.” (KOVACS, 2012, p. 72). Assim, o desconhecimento sobre como a criança reage e compreende o

processo da morte e do luto pode justificar posicionamentos equivocados por parte do adulto na mediação de tais questões.

Nos momentos iniciais da pandemia, a despedida dos entes queridos, por meio dos rituais de passagem, estava restrita, quando não ausente. Os rituais de despedida são momentos essenciais para as pessoas de diferentes idades, pois podem auxiliar na elaboração da dor da perda. Aos poucos, com o avanço dos conhecimentos sobre a forma de transmissão do vírus de Covid-19, os rituais foram se ampliando para pequenos grupos, porém ainda de modo restrito. Será que a criança é uma dessas pessoas privilegiadas para poder se despedir do ente querido? Kovács (2010) relembra que a criança é membro da família para participar dos rituais, e é nesse momento que ela tem a oportunidade de despedida do falecido com seus sentimentos sendo expressos, compartilhados, reconhecidos e acolhidos. Nos instantes de despedida coletiva, embora estejam todos em presença física no meio de um grupo, a forma como cada um lidará com a perda será sempre uma experiência singular, constituída pelos ritos da família e pela cultura onde vive.

Apesar dos rituais que a envolvem, a morte é indomesticável. Ela é selvagem, primitiva e não convencional. Geralmente os adultos são mais habilidosos para mascarar a dor e a angústia em decorrência do encontro com a morte de alguém. A criança, por sua vez, escancara em seus atos, em suas perguntas e em sua atividade lúdica o horror da condição mais natural da existência humana. E por isso que ela convoca o adulto ao seu redor [...]. (MARIOTTO, 2020, p. 20)

Conforme esta percepção de Mariotto (2020), serão diversos os espaços de expressão para a criança sobre o tema da morte e de fundamental importância o adulto de sua referência. Quando a criança procura o adulto para falar, ou quando se manifesta através de suas diferentes linguagens, ela procura ajuda, procura um indicativo de apoio que a ajude a organizar o que lhe parece confuso.

Além disso, Lima, citado por Kovács (2012), pontua dificuldades dos adultos para se comunicar sobre a morte com crianças. Muitas pessoas acreditam que elas não compreendem a morte, não sofrem; quanto menos se falar melhor o assunto, espera-se que será “esquecido”. Tampona-se a falta de palavras no eixo do discurso que dê o acolhimento necessário às indagações das crianças. “Não responder a perguntas ou silenciar com o intuito de protegê-las pode ser uma forma de defesa quando não sabem o que fazer e a criança também se cala” (KOVACS, 2012, p. 72).

O não falar do adulto e da criança impossibilita que os sentimentos envolvidos na morte e na perda sejam expressos e com isso elaborados.

É preciso possibilitar espaços para compartilhamento das nossas dúvidas e angústias, pois quanto menos apoio a criança tiver, maior será a dificuldade de compreensão e elaboração desses temas (MARIOTTO, 2020). Vale lembrar que o significado de elaborar um luto vai além da compreensão. A questão versa sobre o destino simbólico que será dado àquele lugar ocupado pelo que foi perdido.

Casellato (2018) fala em “luto não autorizado” quando a situação de perda envolve a não aceitação social daquela dor, que não pode se expressar e nem pode ser reconhecida publicamente. Diversos são os motivos para que essa situação aconteça, como questões culturais, sociais, econômicas e de gênero. O silêncio da escola na reação ao luto dentro da instituição pode atuar como um fator de risco para a comunidade, contribuindo para processos de luto complicado ou implicações na saúde psíquica.

O luto pode ser considerado patológico, quando há uma negação prolongada da realidade, ou sadio, quando o tempo das manifestações e sintomas não são dilatados. Ou seja, a diferença estará focada na intensidade dessas expressões (TORRES, 2009). Uma escola atenta e uma professora sensível e observadora pode atuar como uma figura que irá perceber alterações de comportamento e manifestações do luto na criança para que possa assim oferecer o cuidado, suporte e acolhimento necessário.

Nos últimos dois anos o tema da morte surgiu de uma forma avassaladora no cotidiano da sociedade brasileira e global. A pandemia de Covid-19 implicou na perda de vidas, contabilizadas diariamente nos telejornais brasileiros com dados de morte no Brasil e no mundo. De acordo com dados oficiais do Ministério da Saúde (BRASIL, 2022), até março de 2022 foram 657.998 mortes no Brasil, resultando numa mortalidade de 313,1 a cada 100 mil habitantes. Por consequência, a convivência com muitas famílias enlutadas será inevitável.

A pandemia, de algum modo, provoca a família para a realidade do tema da morte, trazendo-a para o dia a dia da criança, gerando a oportunidade e a possibilidade de discussão sobre esse assunto. A banalidade com a qual a morte e a pandemia vem sendo tratada pelas mídias impressa e digital, e por alguns membros do governo brasileiro, pode passar para as crianças, como a ideia da morte como algo impessoal ou comum, ou que uma pandemia de impacto global não merece

atenção e condutas responsáveis. As crianças participam da sociedade, são ativas, sociais e históricas, sobretudo as que estão vivenciando a pandemia. Elas terão uma parte da sua vida marcada por esse acontecimento histórico. Elas são, a partir das suas perspectivas, observadoras e intérpretes dos acontecimentos vividos na sociedade (CARIBÉ; SANTOS; RIBEIRO, 2021). Assim, não cabe à sociedade postura passiva frente aos impactos que a pandemia provoca na infância.

Uma publicação recente da Fundação Oswaldo Cruz, a cartilha “Crianças na Pandemia Covid-19” (2020) destaca:

Dentre as reações emocionais e alterações comportamentais frequentemente apresentadas pelas crianças durante a pandemia, destacam-se: dificuldades de concentração, irritabilidade, medo, inquietação, tédio, sensação de solidão, alterações no padrão de sono e alimentação. Em linhas gerais, essas manifestações são esperadas frente às adversidades do atual cenário. Nas crianças com demandas específicas de saúde, essas manifestações podem ocorrer de forma ainda mais frequente e intensa, dado o contexto de desigualdade e opressão a que estão sistematicamente submetidas. Compreender essa questão é essencial para atender adequadamente às necessidades de cada uma das crianças (DAMÁSIO, NOAL, 2020, p. 3-4)

Desta forma, o documento faz a ressalva sobre as repercussões da pandemia para as crianças, inclusive na sua saúde psíquica. Além disso, faz a observação para as situações de desigualdade social e de saúde que são anteriores à pandemia e que, além de ficarem evidentes, seguirão após o seu fim. As perdas e os lutos vividos nesse período pandêmico funcionam como mais um fator de risco para esses desequilíbrios.

Diante dessa realidade, o tema da morte e do luto pode fazer parte do cotidiano da criança pequena trazendo para os seus ambientes seus questionamentos, anseios, dúvidas, hipóteses etc. “A criança é um sujeito, é um ser humano de pouca idade que, desde bebê, expressa e comunica seus sentimentos e vontades por meio de diferentes formas e linguagens.” (CARIBÉ, SANTOS, RIBEIRO, 2021, p. 26, no prelo). Essa visão de criança oportuniza-a a ser amparada nos seus questionamentos e reflexões.

Neste caso, a instituição de Educação Infantil (EI) também será um espaço onde o tema pode aparecer, convocando os que ali estão para ser um lugar de ponto

de apoio para esta criança e provocando a discussão deste tema na escola a partir de diferentes formas de expressão e comunicação.

3.2 COMO A ESCOLA E O CURRÍCULO DA EDUCAÇÃO INFANTIL LIDAM COM A MORTE E O LUTO?

Esta subseção aborda de forma breve um percurso histórico sobre a EI e sua legislação básica, a fim de compreender como a instituição de ensino lida com a morte, o luto e as suas interfaces com as crianças.

A instituição de Educação Infantil passou por mudanças de perspectivas e configurações ao longo do tempo. A partir de 1930 possuía uma visão de criança ligada a um “adulto em potencial” e por muito tempo o atendimento nessas instituições era vinculado a características assistencialistas. O avanço na legislação, com a Constituição de 1988, a Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional n. 9394 de 1996, os Referenciais Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 1998 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil de 1999, aliado aos movimentos da sociedade civil, contribuiu para a mudança de perspectiva, ao colocar a Educação Infantil como um direito da criança e as creches e pré-escolas como instituição educacional. (BACH, PERANZONI, 2014).

As mudanças nas instituições de Educação Infantil também envolveram e ainda envolvem as concepções que estas possuem sobre a criança, sua família, o currículo escolar, bem como sobre o contexto onde a escola está inserida, a época, a classe social, as relações étnico raciais etc.

Em termos de legislação brasileira, a Constituição Federal de 1988, a Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996 e as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009) apresentaram um avanço importante para a área, pois discute a questão da identidade dessa etapa da Educação Básica, ao ressaltar o caráter do direito da criança e dever do Estado, pontua sobre a função sócio político e pedagógica e faz considerações relevantes como a responsabilidade do Estado e das instituições. Além disso, coloca a Educação Infantil como espaço potente de “educar para a cidadania” atualizada com as discussões emergentes da sociedade e reconhece o caráter fundante dessa etapa da educação como estruturante das pessoas e, conseqüentemente, da sociedade.

Atualmente, a Base Nacional Curricular Comum (BRASIL, 2018), documento que orienta também a Educação Infantil escolar propondo um conjunto de aprendizagens básicas para as crianças, destaca que:

[...] as creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BRASIL, 2018, p. 36)

Percebe-se, através das DCNEI e da BNCC, a abertura que é dada à compreensão da criança dentro da escola infantil como um sujeito de possibilidades, para ampliar suas experiências, complementar com a família, com respeito e sensibilidade. Vale destacar que os dois documentos possuem intencionalidades diferentes. O primeiro apresenta diretrizes, já o segundo propõe um conjunto de aprendizagem numa perspectiva de padronização do currículo.

Ainda referenciando a BNCC (BRASIL, 2018), o documento propõe seis direitos de aprendizagem e desenvolvimento na EI: conviver, brincar, participar, explorar, expressar-se e reconhecer-se; e cinco campos de experiência no qual são definidos as aprendizagens: o eu, o outro e o nós (ênfase na pluralidade da sociedade); corpo, gestos e movimentos na promoção de oportunidades ricas para as crianças; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento, imaginação, espaços, tempo, quantidades, relações e transformações. O papel da professora pode ser oportunizado como o de reflexão, mediação, organização e acompanhamento.

No que se refere à forma como o tema da morte e do luto pode aparecer no ambiente de Educação Infantil, existem diversas maneiras. Kovacs (2012, p. 76) destaca algumas situações especiais que necessitam de cuidado, tanto por parte da família quanto por parte da instituição:

[...] perda de pessoas significativas, animais de estimação, morte de alunos por adoecimento ou acidentes, bullying, violência, exclusão e humilhação, hospitalização, separação ou distanciamento de familiares e automutilação.

Em todos esses casos, cabe reflexões para que o tema seja abordado na EI. A instituição não pode se mostrar indiferente quando se está diante dessa realidade.

Embora a escuta das crianças e suas perspectivas seja o foco deste trabalho, há de se considerar que as professoras também estão vivenciando a pandemia. A experiência de morte e luto vivida pela professora poderá afetar sua prática cotidiana no que tange ao acompanhamento das crianças na escola e esta é mais uma oportunidade de trabalho com esse tema na instituição que atende crianças de zero a seis anos de idade. Noletto (2005) lembra de duas possibilidades que a escola tem de lidar com o luto: o direto e o indireto. No primeiro, o luto é o vivido por morte de alguém da comunidade escolar, no segundo o luto é vivido por algum aluno e/ou funcionário. Ambos os casos exigem qualificação por parte do profissional e que a escola esteja preparada para lidar com essas questões.

Ao pensar a questão a partir das crianças, o tema da morte pode aparecer de forma diversificada, pois as linguagens das crianças são múltiplas. Eles podem aparecer através de questionamentos e relatos, brincadeiras, pinturas, desenhos, fantasias, histórias e jogos. As DCNEI (BRASIL, 2009) enfatizam que os eixos norteadores da prática pedagógica na EI são as interações e a brincadeira. Já a BNCC destaca que “parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças.” (BRASIL, 2018, p. 39) Nota-se, que além da valorização das experiências vividas pelas crianças e suas expressões, há um destaque para o trabalho da professora na sua sensibilidade de escuta das crianças e o que ela faz com esse material na hora de planejar seu fazer pedagógico.

Diante da realidade imposta e com a crença de que a vida social impacta na escola, convém compreender as manifestações das crianças de cinco anos sobre os temas da morte e do luto. Essas informações podem auxiliar as escolas e as famílias a compreenderem a perspectiva da criança, pois, segundo Mariotto (2020), tomar conhecimento da morte não é o mesmo que compreendê-la. Então, o que as crianças compreendem e dizem?

Pensar no tema da morte, das crianças e da instituição escolar requer também tecer algumas considerações teóricas sobre a significação do conceito de morte pela criança. Torres (2002) considera que para a apreensão desse conceito

convém analisar os atributos de irreversibilidade, não funcionalidade e universalidade. O primeiro refere-se à impossibilidade de retorno depois da morte. A morte é irreversível. A não funcionalidade envolve o funcionamento da vida. E a universalidade é a ideia de que a morte está para todos. O reconhecimento total ou de alguns desses atributos influenciam a apreensão do conceito de morte pela criança.

Araújo (2020) pondera que, ao falar de morte com as crianças, deve-se considerar seu lugar de sujeito, sua posição enquanto ser de desejo e de singularidade, necessitando, portanto, ser respeitada. Já Torres (2002, p. 123) sugere algumas medidas importantes para ajudar as crianças no processo de luto:

promover a comunicação aberta e segura dentro da família, informando a criança sobre o que aconteceu; garantir que terão o tempo necessário para elaborar o luto, e que terão um ouvinte compreensivo toda vez que expressarem saudade, tristeza, culpa e raiva [...]

Nessa perspectiva, as professoras devem refletir inicialmente sobre a sua concepção de criança, de infância e do lugar da escola na sociedade, pois essas considerações juntamente com a legislação vigente para a EI embasam o seu fazer com as crianças. As docentes também não podem desconsiderar a influência da sua subjetividade individual, visto que o resultado dessa relação estará como um pano de fundo do seu trabalho dentro da escola. A questão é oportunizar que a criança fale, se expresse, brinque, jogue, cante, desenhe e com isso exteriorize suas inquietações, com o peso próprio dado para a situação. Enfim, que a criança seja acolhida na sua inteireza e espontaneidade, inclusive nos temas associados à morte e ao luto.

Aberastury, citado por Fronza *et al* (2015, p. 51), afirma que:

[...] quando os adultos ocultam uma morte a uma criança, sob a justificativa de poupá-la da dor, não estão poupando-a da dor da perda, e sim, estão poupando a si próprios da dor da explicação desta perda. A autora ressalta que este ocultamento “perturba o vínculo da criança com o mundo adulto” (ABERASTURY, 1984, p.131) e acrescenta que falar da morte de uma pessoa significativa para a criança, ao contrário de criar a dor, pode ajudar na elaboração do luto e reforça a confiança que a criança tem no adulto, sentindo que é alguém em quem pode recorrer.

Por isso, a importância de se ofertar espaços de acolhimento para a criança dentro da instituição de EI. Acolher no sentido de reconhecer os sentimentos e angústias das crianças, ouvir sem julgamento e, principalmente, colocar-se no lugar de apoio e de aceitação.

Em complementação, alguns autores também já teorizam sobre a necessidade da educação para a morte para os profissionais de saúde e os de educação (KOVACS, 2021; NUCCI, 2018). A morte é a outra face da vida e vice-versa. Ademais, ao trabalharmos com seres humanos, em algum momento é possível encontrar com esse tema nas conversas informais, nos processos formativos e na atuação profissional. A angústia em falar sobre ele cresce à medida que o sujeito não sabe como abordá-lo, desse modo torna-se primordial uma formação para os profissionais de educação. Nessa perspectiva, Nucci (2018, p.73) sugere:

[...] educar para a morte implica a oferta de espaços dialógicos e dinâmicos, nos quais possamos nos aproximar mais e mais desse tema tão desconhecido, tão dependente de crenças pessoais, religiosas, de fantasias e preconceitos. E que essa aproximação traga acima de tudo, a vida - esse tempo que nos é oferecido desde que nascemos.

É necessário também que as professoras tenham oportunidade de entrar em contato com sua própria visão de morte e de luto, pois suas ações e palavras influenciarão as crianças. (KOVACS, 2012). Espaços de fala, comunicação, expressão de sentimentos e emoções são sempre bem-vindos para quem vive o luto.

A instituição, sobretudo a de Educação Infantil, considerada como um espaço privilegiado de acompanhamento do desenvolvimento de crianças, pode ser um local onde o tema da vida e da morte pode ser abordado. De acordo com Kovacs (2012, p. 76):

A escola é local por excelência de socialização para crianças, por isso deveria oferecer suporte a alunos que vivem processos de perda e morte. O acolhimento é essencial para ajudar a significar perdas, promovendo prevenção de sofrimento, em parceria com os pais.

Existem caminhos e possibilidades para que o tema seja trabalhado dentro da instituição escolar. Ele pode ser abordado pelas professoras como parte do

currículo, dentro da sua prática pedagógica ou para discussão com a comunidade com a oferta de espaço de escuta e acolhimento em parceria com as famílias. Parte-se aqui da perspectiva de que existem lutos que são reais e outros que são simbólicos, e de que ambos admitem serem trabalhados na escola. Sugere-se que o tema seja tratado a partir de um reconhecimento da morte e da sua compreensão enquanto parte do ciclo de desenvolvimento humano e que, portanto, necessita de cuidados tal qual a vida e os processos de luto envolvidos no viver.

Ao pensar o currículo nessa etapa da educação básica depara-se com o texto das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (BRASIL, 2009, p.1) que no seu artigo 3º, afirma:

O currículo da Educação Infantil é concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.

Portanto, ratifica a articulação necessária entre diversos saberes dentro do ambiente escolar na perspectiva de ampliar repertório e favorecer o pleno desenvolvimento da criança, e colocando-a como centro do planejamento e considerada em seus interesses e suas linguagens. O currículo passa então a ser a movimentação de conhecimentos, saberes e experiências no cotidiano da escola de EI, no qual a professora, a partir da escuta e do acolhimento, reconhece os saberes das crianças e os integra à sua proposta pedagógica, propondo situações de aprendizagem que favoreçam seu desenvolvimento integral.

Sobre o planejamento do cotidiano na escola de EI, orientado nas Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (BRASIL, 2009), o documento indica princípios éticos, políticos e estéticos orientadores do trabalho na instituição. Todos buscam promover uma educação contextualizada das crianças, na defesa de uma ação que escute suas necessidades e potencialize as suas diferentes linguagens.

Oliveira (2014, p. 188), ao lembrar que a EI faz parte da Educação Básica, destaca a particularidade das crianças pequenas e expõe:

[...] as formas como as crianças, nesse momento de suas vidas, vivenciam o mundo, constroem conhecimentos, expressam-se, interagem e manifestam desejos e curiosidades de modo bastante peculiares, devem servir de referência e de fonte de decisões em

relação aos fins educacionais, aos métodos de trabalho, à gestão das unidades e à relação com as famílias.

A autora continua sua defesa de oportunizar à professora de EI uma prática que escute "às crianças e acolham as formas delas significarem o mundo e a si mesmas" (OLIVEIRA, 2010, p. 188). Isso possibilita à professora uma variedade de temas a serem trabalhados na escola, inclusive aqueles sobre a morte e o luto. Ao defender uma educação que dialogue com a realidade da sociedade, compreendo que o currículo da EI pode conversar com assuntos diversos, inclusive com o tema da pandemia da Covid-19 e suas consequências na vida de pessoas de diferentes idades, abrangendo as crianças.

O currículo na EI é atravessado por diversos conhecimentos, que "estruturam o cotidiano das instituições" e o provocam para uma ação mediadora entre "conhecimentos que circulam na cultura mais ampla e que despertem interesse nas crianças" (OLIVEIRA, 2010, p. 4). Reconheço no currículo seu caráter dinâmico, contextualizado e principalmente rico de sentido para o grupo e potencializador da criança enquanto ser integral.

Para Barbosa e Richter (2015, p.195):

São as crianças, em suas brincadeiras e investigações, que nos apontam os caminhos, as questões, os temas e os conhecimentos de distintas ordens que podem ser por elas compreendidos e compartilhados no coletivo. O professor, com seu olhar de quem está com a criança, mas também com os saberes e conhecimentos, realiza a complexa tarefa educacional de possibilitar encontros, de favorecer interações lúdicas, constituir tempos e espaços para a experiência das crianças, sem nenhuma garantia de que essa possa acontecer.

Desta forma, a escuta das crianças nas suas diversas linguagens possibilita o direcionamento das investigações a serem trabalhados na EI, a partir também do que é oportunizado pela professora. Essa tem a tarefa de ampliar experiências, repertórios, possibilidades, interações numa perspectiva inclusiva. É no coletivo que ela organiza sua proposta pedagógica. Mas a professora também direciona seu trabalho a partir do que foi gerado nas interações com as crianças, sem desconsiderar a singularidade de cada uma.

Sobre a escuta de crianças na EI, Santos (2022, p. 80) diz que significa

[...] potencializar um paradigma de Educação Infantil que coloca a criança na centralidade do processo pedagógico, que reconhece que ela está enredada em uma teia de relações e enxerga a professora como aquela que pesquisa, que expande sua curiosidade e suas descobertas junto com a criança nas situações de vida cotidiana.

A docência em EI é complexa, de múltiplas aprendizagens, cercada de afeto e interação com todos os envolvidos. A aposta é no protagonismo da criança, ao lado de uma professora sensível. A centralidade na criança no que tange às suas experiências, expressões e curiosidades são reconhecidas como conteúdo de referência para o trabalho na EI, que deve considerar a criança ativa e parte de um "currículo em ação." (OLIVEIRA, 2014).

Observa-se aqui que o currículo na EI favorece e contempla temas diretos ou indiretos envolvidos na pandemia de COVID-19 e outras realidades, possibilitando serem trabalhadas, apresentadas, dialogadas com crianças pequenas, que são as protagonistas do "planejamento curricular" e suas experiências são parte do currículo.

Sobre isso, Caribé, Santos e Ribeiro (2021, p. 27, no prelo) defendem

[...] que a morte e o luto são temas que constituem o currículo escolar e que, no contexto da pandemia de COVID-19, tornam-se assuntos urgentes, pois muitas crianças ficaram órfãs e/ou perderam pessoas próximas acometidas pelo coronavírus e podem manifestar seus sentimentos na escola, um lugar de referência socioemocional. Dessa forma, além da abordagem do tema morte e luto no contexto familiar, o assunto pode ser propiciado em diferentes contextos e situações do cotidiano escolar.

Além disso, aliado ao contexto de pandemia, o tema da morte e, principalmente, do luto pode aparecer na instituição de EI nem sempre de forma direta, ou seja, envolvido na morte de alguém, como já foi citado neste trabalho. Pode aparecer de forma simbólica ao considerar diversos atravessamentos presentes na sociedade. Destacamos aqui as diversas transições vividas na EI que convoca a criança para mudanças constantes de olhar, perspectivas e ressignificações.

Assim, convém pensar sobre a formação da professora e de que forma ela se capacita para trabalhar com o tema da morte e do luto na instituição escolar.

3.3 A PROFESSORA E SUA FORMAÇÃO PARA TRABALHAR COM O TEMA DA MORTE E DO LUTO

Nesta subseção discute-se a formação da professora e como o tema da morte e do luto podem ou não fazer parte desse percurso. Existem possibilidades profissionais para o trabalho da docente, visto que o tema faz parte do contexto escolar. No entanto, nem sempre é explorado nos espaços formativos.

Pinto e Dantas (2017) destacam a relevância do profissional qualificado, numa perspectiva de compreensão das particularidades da EI, que assimile a inteireza da criança. Eles destacam que os documentos legais brasileiros e as orientações do Ministério da Educação abarcam aspectos da formação inicial e da valorização profissional da educadora. Finalmente, reconhecem a importância de uma professora competente, com a devida formação, valorizada e, para tanto, amparada na legislação brasileira.

De fato, a Resolução MEC/CNE/CP n. 2, de 1º de julho de 2015, que “define as Diretrizes Curriculares Nacionais para a formação inicial em nível superior (cursos de licenciatura, cursos de formação pedagógica para graduados e cursos de segunda licenciatura) e para a formação continuada” (BRASIL, 2015, p. 1), prevê curso superior para o professor de Educação Infantil. No caso das professoras graduadas em Pedagogia, na forma do art. 4 das Diretrizes Curriculares para os cursos de Pedagogia (BRASIL, 2006, p. 2),

[...] o egresso do curso de Pedagogia deverá estar apto a: [...] compreender, cuidar e educar crianças de zero a cinco anos, de forma a contribuir, para o seu desenvolvimento nas dimensões, entre outras, física, psicológica, intelectual, social;

Dessa forma, constata-se que ao menos dois dos documentos básicos que regem a formação da professora, incluindo o da Educação Infantil, contemplam um profissional com olhar ampliado para a compreensão da criança, além do nível superior para a docência. Daí se observa a necessidade de que as docentes sejam formadas e instruídas para lidar com a variedade de temas que possam contribuir para o desenvolvimento integral da criança.

Essa formação da docente pode traduzir também em uma profissional atualizada com a legislação para a EI, que compreenda o seu papel no cotidiano e acolha as necessidades e inquietações das crianças. Elas são sujeitos, estando inseridas na sociedade, pelo que sofrem suas influências e trazem para a instituição de EI o que experienciam na sua vida.

A formação da professora para o trabalho com os temas da morte e do luto, dentro de um contexto escolar, vai além do que está nos pressupostos legais e documentos orientadores da sua graduação. Implica um contato mais próximo com questões pessoais, subjetivas, sociais e religiosas que podem ser mobilizadas a partir da problematização e vivência com o tema.

A heterogeneidade necessária para a formação da professora requer que seja enfatizado um trabalho teórico-prático que abarque múltiplas referências, pois a realidade que ela irá encontrar no seu cotidiano é complexa. Sobre a formação da professora e a cultura da docência na EI, Santos, Franco e Varandas (2019, p. 119) destacam:

São esses e outros fios produzidos pelas experiências pessoais, escolares-acadêmicas, profissionais, sociais, políticas e culturais que vão constituindo uma espécie de matriz referência aberta e disponível em cada pessoa, que servirá de inspiração para o seu exercício profissional, quando adulto.

Compreende-se que a formação para a docência passa por múltiplas experiências, uma enigmática rede de influências que extrapola conhecimentos teóricos, perpassa uma multivariabilidade de contextos e, assim, ressoa no exercício cotidiano com as crianças. De fato, não se pode negar a relevância de um currículo universitário ampliado para a Educação Infantil, crianças e infâncias, muito embora a formação inicial teórica da professora dificilmente conseguirá abarcar as complexidades que envolvem sua prática pedagógica (SANTOS, FRANCO, VARANDAS, 2019).

Nessa perspectiva, Coco, Galdino e Vieira (2017, p. 274), em suas pesquisas sobre trajetórias de formação para a docência na EI, afirmam que a formação do professor se conecta com o ser humano, pois “ele sempre carrega consigo o que viveu, ressignificando o vivido, em meio a novas experiências que se descortinam com a continuidade da trajetória”. Logo, nota-se que a formação da professora é

processual, vinculada a oportunidades teóricas formativas e de interações pessoais, sociais, comunitárias, culturais e, portanto, diversas.

Ademais, nos locais onde se pensa a educação de forma restrita, a professora muitas vezes ocupa na instituição escolar lugar simbólico de saber, ou seja, aquela que sabe e que tem respostas, aquela que ensina. A identificação da professora a esse lugar, convoca-a a adotar uma postura de inibição para abordar temas sensíveis, sobre os quais não possuem certezas, mas que são necessariamente vividos no cotidiano da escola. O tema da morte e do luto no trabalho com crianças pode ser um deles.

No entanto, essa é a perspectiva que precisa ser enfrentada e, com isso, ampliar e consolidar um posicionamento da professora sensível, acolhedora, ética, autoreflexiva e com conhecimentos que, na relação com as crianças, também aprende e tem oportunidade de refletir sobre temas como a morte e luto.

A professora possui um lugar primordial na escola de EI, sua atuação é estratégica e importante para o desenvolvimento e acompanhamento de crianças. Sua ação pedagógica possibilita potencializar o infante enquanto um ser integral. Por isso não cabe postura indiferente às inquietações que elas trazem para a escola.

Nessa perspectiva, Carlina Rinaldi (2016), citada por Santos, Franco e Varandas (2019), destaca a perspectiva de escutar a criança, o que elas querem saber, sem as respostas certas, e sim possibilitar aprender junto com ela, favorecer com isso suas indagações e curiosidades.

Os temas da morte e do luto produzem suas reverberações na criança pequena e na instituição escolar, provocando a necessidade da professora com uma formação ampliada, comprometida com a realidade e com as necessidades das crianças, que esteja atenta e preparada para lidar com as diferentes situações que acontecem no dia a dia. No entanto, Mahon, Goldberg e Washington, citado por Kovács (2012, p.75), afirmam que professores se sentem desconfortáveis ou constrangidos quando precisam abordar o tema da morte com seus alunos, embora considerem que o tema seja importante. Como suprir essa lacuna da formação inicial e continuada ainda é um desafio a ser enfrentado. De fato, a uma professora é recomendado que esteja implicado para enfrentar os desafios encontrados pelo caminho da docência.

Partindo desse suporte teórico, a seção seguinte apresenta e analisa os dados encontrados a partir da pesquisa de campo, na perspectiva de ouvir as

crianças e as professoras, para compreender seus pontos de vista sobre o tema da morte e do luto.

4 A MORTE E O LUTO NO CONTEXTO DA PANDEMIA E OS PONTOS DE VISTA DAS CRIANÇAS E DE SUAS PROFESSORAS

Os temas da morte e do luto estão entrelaçados com as vivências das crianças pequenas, inclusive no contexto escolar. Nesse sentido, os adultos de referência da escola, representados nesta pesquisa pelas professoras, possuem lugar primordial. Seus pontos de vista e conhecimentos teóricos sobre o tema podem sustentar sua prática na EI, embora nem sempre sejam suficientes.

Uma subseção deste capítulo está dedicada a analisar os dados encontrados a partir das entrevistas com as professoras, na perspectiva de compreender o que elas dizem sobre esse tema na instituição de EI e no seu trabalho com as crianças. Outra subseção foi reservada às crianças, pois é importante escutar também as compreensões e entendimentos delas sobre esse assunto, num reconhecimento do seu saber, seus sentimentos e perspectivas. Santos (2022, p. 87) ao escrever sobre a escuta das crianças, afirma:

As crianças sabem o que acontece na sociedade e não ficam alheias, elas constroem seus pontos de vista, têm uma visão transversal dos acontecimentos, se preocupam com as pessoas, falam sobre temas do cotidiano, da vida, manifestam interesses, sentimentos e preocupações consigo e com os outros.

Portanto, este é um momento fundamental da pesquisa. Escutou-se e analisou-se o que foi dito por crianças de cinco anos de um CMEI sobre o tema da morte e do luto. Reconhece-se aqui que elas estão inseridas num contexto social mais amplo, que possuem seus pontos de vista próprios para compreender o mundo e o que está acontecendo com ele, como pode ser visto a seguir.

4.1 O QUE AS CRIANÇAS DISSERAM SOBRE A MORTE E O LUTO

A aproximação com as crianças para a produção de dados aconteceu de forma processual, pois se reconhece aqui a importância do vínculo, do respeito e dos afetos envolvidos na relação do adulto com a criança. Logo nos primeiros momentos de aproximação com o grupo, sem roteiro pré-definido, as crianças se aproximavam, teciam comentários, perguntavam sobre autorização para realizar

determinada atividade, colocando-se a autora no lugar de autoridade, ou como par. A abertura e/ou aceitação da entrada da autora naquele grupo aconteceu de maneira espontânea e rápida. Em pouco tempo a autora já estava sendo convocada para brincar e participar dos seus jogos, o que denota que os primeiros vínculos estavam sendo estabelecidos.

Numa dessas primeiras ações, as crianças brincavam com blocos de montar e uma delas aproximou-se da autora com um brinquedo simbolizando uma seringa. Encostou no braço dela e a “vacinou”. Então, a autora comentou aliviada que estava feliz com a vacina de Covid-19, ela sorriu. A criança mostra desta forma o quanto a realidade da pandemia passou a permear as brincadeiras e jogos, trazidos para o ambiente escolar, pois a vacinação de fato passou a representar uma estratégia de saúde pública, na prevenção de mortes e agravamentos de casos por Covid-19.

Os temas da morte e do luto estão presentes no cotidiano das pessoas, enquanto parte do ciclo vital. No entanto, a pandemia de Covid-19 trouxe esses temas de forma intensa para nosso dia a dia. Segundo Caribé, Santos e Ribeiro (2021, p. 25):

No contexto da pandemia de COVID-19, a criança está mais dentro de casa e, do lugar onde está, vive experiências, expressa seus sentimentos, suas emoções, faz descobertas e emite sua opinião sobre os acontecimentos da vida e sobre o cenário pandêmico, que afetou intensamente tanto ela como sua família.

Nessa perspectiva, ela reage e traz para a escola o repertório de vivências do seu ciclo social. Isso foi observado em uma atividade direcionada pela professora regente, durante a rodinha e após a leitura de um livro com a temática de medo. Ela, ao contar para as crianças que havia perdido a avó durante a pandemia, foi surpreendida por um longo abraço por parte de uma criança de cinco anos. Naquele momento, a sensibilidade e a compreensão da morte pelas crianças enquanto algo que merece cuidado e apoio ficaram evidentes. Gerou um movimento do grupo em torno daquele abraço que de individual passou a ser coletivo, com todas as crianças em volta da professora. Essa cena rememora os momentos que acontecem nos rituais de despedida, quando há um espaço onde a dor da perda é vivida de modo coletivo, num compartilhar de sentimentos envolvidos na ausência daquela pessoa que se foi. Além disso, convoca-nos a pensar, enquanto adulto de referência, o nosso lugar diante de uma criança enlutada. Afinal, diante de um professor que

relatou seu luto para o grupo, recebeu da criança um abraço acolhedor. E o que é feito quando os papéis se invertem?

Na atividade desenvolvida e dirigida para produção de dados com as crianças, ao longo da ação, elas tiveram oportunidade de falar e serem escutadas sobre seus pontos de vista sobre o tema da morte. Ela apareceu vinculada a violência, como o dito por Cauan: “A pessoa leva um tiro e a pessoa tá morta” (sic) e por Dandara: “A pessoa que se joga da lage” (sic) referindo-se o que seria morrer. No entanto, apareceu também relacionada a adoecimento, o que foi elaborado e exposto por Bruno: “Morrer é ficar triste, pode levar pra o médico, aí pode tirar sangue” (sic). A complexidade e as diversas possibilidades de vivência da morte se relacionam com o que é experienciado pelas crianças e isso será considerado na sua compreensão sobre o tema. As mortes violentas, assassinatos e suicídios são pautas frequente na mídia em geral. “As imagens da morte trazidas pela televisão são carregadas de violência e impessoalidade [...]. A televisão exagera, dramatiza os acontecimentos e os banaliza repetindo-os a exaustão” (FREITAS, 2009, p. 57). As crianças sentem as consequências do que experienciam nesse cotidiano e isso se reflete na sua compreensão do mundo e da morte.

Ao reflexionar com o grupo de crianças sobre as possibilidades do que acontece quando alguém morre, Bruno diz: “fica triste” (sic). Dandara vincula ao “fica no céu” (sic) e Cauan lembra das consequências “fica enterrada” (sic). Três pontos de vista que expressam as diferenças de percepção numa pergunta, um destaca o sentimento, outro usa de explicação metafórica muito utilizada na nossa sociedade e o outro aponta uma perspectiva cultural de consequência física do corpo depois da morte. O diálogo continua e o desconhecimento do que acontece após a morte e sobre suas explicações povoam o que foi trazido pelas crianças. Reconhece-se que seus recursos cognitivos são diferentes dos adultos para compreender um conceito complexo.

Segundo Santos (2022, p. 79), “a criança enxerga as pessoas, as relações, as coisas que estão no mundo e o mundo em si de um ponto de vista próprio que só é tangível pelas suas enunciações e criações.” Assim, ao falar sobre o que acontece quando a pessoa morre, Cauan disse: “ele vai para o céu” (sic). Fala que é prontamente contestada por Dandara: “Não! Já morre e já vai para o céu? Não, simplesmente” (sic). Cauan, continua: “vai ser enterrado” (sic), trazendo assim novamente um dado de realidade. Não há consenso nas explicações sobre o pós

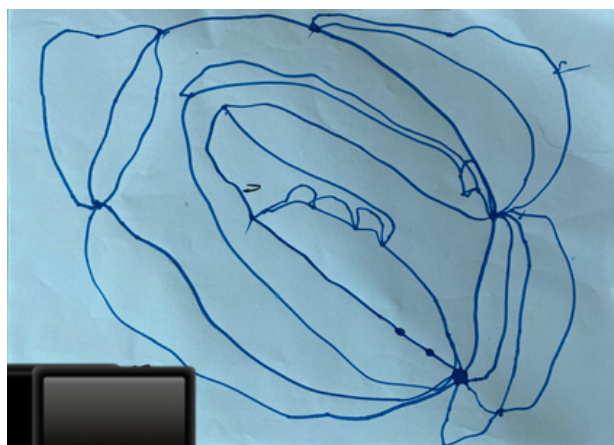
morte. Cada criança traz do seu lugar seu ponto de vista e isso está ligado à sua cultura, religião, questões de ordem social, econômicas, cognitivas etc. Além disso, segundo Wallon, citado por Galvão (1999, p. 81), a principal característica do pensamento infantil é o sincretismo que “costuma designar o caráter confuso e global do pensamento e percepções infantis”. Essa etapa é fundamental para a compreensão da evolução do pensamento da criança e auxilia no entendimento dos pontos de vista das crianças analisados nesta pesquisa.

Na aposta e reconhecimento de diversas linguagens para expressão infantil, o desenho foi utilizado nesta pesquisa como mais um caminho para compreensão do ponto de vista da criança. De acordo com Francischini e Campos (2008, p. 111):

[...] o desenho e a pintura - livres ou com direcionamento temático - são considerados formas de acesso ao universo da criança. Acompanhados da expressão linguística, são reveladores de sua cultura, sua história, sua imaginação, suas fantasias.

Apoiados nessa concepção, as crianças, ao serem convidadas para desenhar, após a leitura da história e a partir do nosso diálogo, apresentaram produções variadas. Bruno descreveu o seu desenho: “Eu fiz um ‘enterraço’ [...] negócio de enterrar as pessoas” (sic). Essa fala de Bruno demonstra suas primeiras impressões sobre o tema que envolve algo grande, pelo uso do sufixo “aço”, um sentimento intuitivo do uso da linguagem. Assim, ele apresenta sua produção em desenho circular de cor única (Figura 1).

Figura 1 - Produção de Bruno



Fonte: arquivo da pesquisadora, maio/2022.

Uma segunda criança, Alberto, expõe sobre seu desenho (Figura 2): “uma flor, uma noite, e o céu, uma bola de futebol e coração” (sic). Ele apresenta diversos elementos num mesmo contexto, no qual a ambiguidade do azul do céu contrasta com a escuridão da noite, dois momentos, separados por uma grande flor. Os corações e a bola de futebol estão próximos na disposição do desenho que é contornado por uma borda pontilhada. Caribé, Santos e Ribeiro (2021, p. 41) lembram que:

[...] as crianças, por meio de suas diferentes formas de expressão e comunicação, entrelaçam a realidade e a fantasia em busca de respostas para suas inquietações e para a afirmação de conhecimentos que já possuem sobre o mundo e sobre as coisas que estão nele.

A realidade e a fantasia são tecidas por elementos aparentemente distintos, no desenho de Alberto, porém eles são interligados pelo olhar da sensibilidade e do seu lugar infantil.

Figura 2 - Produção de Alberto



Fonte: arquivo da pesquisadora, maio/2022.

No caso de Cauan, o seu desenho (Figura 3) foi diretamente vinculado à história contada pelo livro no início da atividade: “eu fiz a Marilu. Eu fiz a festa aqui só. [...] Aqui é Marilu. Eu fiz a festa, o amiguinho e o casamento dela” (sic). Ele deu o destaque para o momento de celebração e de felicidade trazido na história. No seu desenho, apresentou as imagens de forma e tamanho equilibrados com o espaço do papel e utilizou-se de variedade de cores para expressão. O reconto da história do

livro feito por Cauan também dá indícios de um processo de elaboração e compreensão da temática.

Figura 3 - Produção de Cauã



Fonte: arquivo da pesquisadora, maio/2022.

Figura 4 - Produção de Dandara



Fonte: arquivo da pesquisadora, maio/2022.

Por fim, a criança Dandara apresenta seu desenho (Figura 4) com a seguinte história:

Era uma vez uma menina com cabelos vermelhos, e todos juntos. Aí veio uma pinguim toda bonita. E decidiu falar com ela.
“Oi, o que foi?”
“O meu namorado morreu.”

“Mas eu to vendo ele ai no seu buraco. Não estou mentindo não.”

“Então ele foi pra meu buraco?”

“Isso não é possível.”

“É claro que é.”

Aí desmaiou, foi para o médico pra ver se era verdade, e era verdade, então fim. (DANDARA, 2022)

Dandara associa seu desenho ao relato da história do livro, observado nas semelhanças de personagens, enredo e desfecho. Esse relato pode dizer de um processo de elaboração da morte por parte da criança, compreendida em termos de ressignificação do lugar que passou a ocupar a pessoa morta. Em outra ocasião, Dandara em sua fala destaca a compreensão que o personagem que morre na história vai para “dentro do coração” (sic), simbolicamente representada no enredo como o “buraco”. Contrastando com o depoimento das outras crianças que apresentam um relato concreto sobre o personagem. Como visto em Cauan: “João estava dentro da barriga dela” (sic) e em Alberto: “Dentro da barriga” (sic).

A escuta das crianças revela aspectos da sua singularidade, seus contextos e crenças. Elas falam a partir desse lugar, trazem suas referências, vivências em casa e na comunidade. Há de se considerar que uma pesquisa qualitativa com objetivos sensíveis, dado seu tema e contexto, necessita de um tempo maior de aproximação e produção dos dados. O que foi verificado inclusive pela ausência de abordagem das considerações das crianças sobre o luto. Desta forma, possivelmente novos elementos poderiam ser compartilhados pelas crianças ampliando e enriquecendo a escuta.

Ouvir o que as professoras têm a dizer traz contribuições para se compreender experiências, pontos de vista e desafios que envolvam o trabalho da morte e luto com crianças pequenas. É o que será abordado na próxima subseção.

4.2 AS PROFESSORAS E SEUS PONTOS DE VISTA SOBRE A MORTE, O LUTO, AS CRIANÇAS E O CONTEXTO ESCOLAR

Na compreensão e valorização do papel dos adultos de referência na educação de crianças pequenas, realizaram-se entrevistas com as duas professoras da turma e a ADI. Entre os objetivos da pesquisa, incluía-se conhecer também os pontos de vista dos docentes e sobre o tema da morte e do luto. Os

desdobramentos dessa ação incluíam entender como os adultos de referência abordam esse tema junto às crianças e como o compreendem dentro do ambiente escolar.

Observou-se inicialmente o alto grau de especialização dos adultos de referência da turma, todas são pedagogas e possuem ao menos duas graduações, o que amplia as possibilidades de aproximação com a universidade e a instituição de EI. Nenhuma entrevistada teve contato com o tema da morte e do luto durante sua formação profissional, embora todas tenham vivenciado experiências com o tema na sua prática e reconheçam a importância de se abordar a morte e o luto no trabalho com crianças pequenas, como foi dito por E3 (2022) :

Eu acho que é um assunto necessário, principalmente agora que a gente passa por uma pandemia que muitas pessoas perderam familiares, amigos, vizinhos.. enfim, até na TV que as crianças acabam assistindo, tendo acesso e vendo. Eu acho importante ser tratado [...].

No caso de suprimir essa lacuna da falta de discussão sobre o tema da morte e do luto na formação do profissional de educação, uma proposta pode ser a indicada por Kovacs (2021, p. 164). Ela defende:

[...] a necessidade de formação com várias modalidades e estratégias, as quais devem ter como foco aspectos cognitivos, mais bem desenvolvidos por meio de palestras, informações, esclarecimentos ou supervisão; e aspectos emocionais, facilitando a sensibilização diante de questões pessoais e cuidados psicológicos.

Desta forma, o preparo da profissional de educação para o trabalho com o tema da morte e do luto engloba não só aspectos cognitivos teóricos. É válido considerar também cuidados pessoais, psicológicos e emocionais. A interação desses fatores refletirão diretamente no trabalho com as crianças.

Todas as professoras inicialmente negaram ao serem perguntadas se já haviam tido contato com o tema da morte e do luto durante a trajetória na Educação Infantil. No entanto, ao longo da entrevista relataram experiências relacionadas ao tema e que não foram consideradas na resposta inicial. Como descrito no referencial teórico sobre o assunto, o tema da morte é muitas vezes invisibilizado, mesmo que

ele faça parte do cotidiano e incluído como parte do ciclo vital do ser humano. Alguns exemplos foram trazidos, tais como o de E1 (2022):

Tem criança que “Ah! Meu pai morreu” [...] aí tem assim [...] que chora, que tem aquele momento. Teve uma menina, uma vez teve um acidente, os pais morreram num acidente e ela não ouvia, não gostava, porque eles tinham ido para o show de Vitor e Leo. Então, toda música, não podia tocar a música de Vitor e Leo, nada, que a menina... entendeu? A gente evitava essas coisas assim, que tivesse ligação que trouxesse a ela essa tristeza.

E3 (2022) compartilhou:

Já tive assim, de uma criança perder o irmão, mas disso não ser comentado, disso ficar assim nos bastidores. A mãe chega conversa com a professora: ‘- Olha se a criança apresentar alguma diferença no comportamento, foi porque aconteceu isso, isso e isso’. Mas em nenhum momento foi tratado sobre isso, com a turma ou com a criança.

Nestes dois exemplos o tema da morte e suas reverberações na criança chegaram ao cotidiano da professora que exerce a docência na EI. E ao se deparar com o tema no seu trabalho com as crianças, elas optaram por evitar e/ou não tratar do assunto.

A morte de familiares causa impacto na criança. É esperado que ela procure apoio nas suas figuras de referência, incluindo a professora. E quando essa oportunidade de diálogo é interrompida ou quando ela não consegue externalizar suas angústias envolvidas na perda? Sobre isso, Torres (1999, p. 123) diz que "crianças que não expressam verbalmente a dor da perda, podem deslocá-la para uma situação externa, evitando, assim, lidar diretamente com o conflito interno". Ou seja, a não expressão tem consequências. De que forma essa falta de diálogo com crianças enlutadas pode reverberar na escola? E na criança? Quais consequências podem ser vislumbradas? O que será que se comunica quando não se diz? São questionamentos que provocam a refletir sobre a invisibilidade desse tema no cotidiano da escola.

Sobre esse assunto, Naletto (2005, p. 114) afirma:

No caso da criança enlutada na escola, o professor não deve esperar que o aluno queira falar sobre o assunto, principalmente para toda a

classe; no entanto, não pode ignorar, fingindo que nada aconteceu. Deve respeitar este momento, dizendo que sabe o que lhe aconteceu e imagina o quanto está triste, mantendo um canal de comunicação aberto caso ele queira conversar, mas sem forçar nada.

Conclui-se que a autora defende uma ação de acolhimento e respeito por parte da professora. “Abrir este espaço para a dor é importante, com o propósito de garantir a expressão do sentimento de luto e perda. Dar a notícia da morte e tentar retomar a rotina normalmente é impossível e pouco saudável” (NOLETTO, 2005, p. 118).

Refletindo sobre o que é a morte, Freitas (2009, p. 51) diz que “esta é uma pergunta que a humanidade se faz desde o início de seu processo civilizatório.” E sobre esse conceito, os pontos de vista das docentes foram diversificados. Uma das entrevistadas, E1 (2022) associa a morte como uma certeza e com explicações religiosas, como observado no seguinte relato:

Isso vai acontecer com todos nós, ninguém está livre, é uma certeza que temos, é uma dura realidade, mas acontece. Eu sempre digo isso que Deus precisa da gente lá em cima e aí chamou pra ajudar em outro plano (E1, 2022).

Já a entrevistada 2 se depara com a dificuldade em conceituar a morte e a associa a dor.

É difícil, eu ainda [...] eu, antes, até conseguia, não conseguia superar muito. Só que depois [...] eu já perdi meu pai. Depois que eu perdi meu pai eu passei a ver de uma forma que... não sei explicar direito assim [...] é como se a dor maior que eu fosse sentir [...] É sofredor perder alguém e aí pra você administrar isso é difícil (E2, 2022).

E na visão de E3 (2022):

A morte pode ser o fim, e ela pode ser também um começo. Eu acredito que nessa questão da morte a gente morre, o corpo em si, mas de alguma forma, esse [...] como eu posso dizer? Eu não consigo descrever a morte em si [...] (sic) A morte está no nosso dia a dia. (E3, 2022)

Neste último caso há uma tentativa de explicar a morte de forma reflexiva e vinculada a uma matéria física. Observa-se a dificuldade de todas as entrevistadas em conceituar essa palavra, o que reflete, de fato, a sua complexidade.

Sobre como as entrevistadas veem o tema da morte e do luto no trabalho pedagógico, as respostas são amplas e em alguns momentos evasivas. O desafio em trabalhar esse tema com crianças foi encontrado na literatura sobre o assunto. Torres (2002) afirma sobre a dificuldade para o adulto falar de morte com a criança, pois essa ação o convoca a repensar sua própria finitude, medos, anseios e ansiedades. Sobre se teria dificuldade em tratar desse assunto com crianças, a primeira entrevistada, E1 (2022), diz:

[...] eu acho que eu tenho. Eu tenho. [...] Porque assim a morte é difícil pra todo mundo, não só para criança. Eu acho que a morte em si, a gente sabe, como eu tava te dizendo, sabe que existe, mas a morte é difícil você encarar que alguém morreu.

E continua, ao confirmar sobre suas próprias questões que podem estar envolvidas nessa reação: “é difícil já pra mim encarar a morte, pra eu passar, pra mim trabalhar preciso me trabalhar muito, psicológico, até na fala e tudo” (E1, 2022).

Já a segunda entrevistada compreende a partir de um outro ponto de vista: “Eu acho bom. Pelo fato delas saberem, e aprenderem e entenderem também o que é o luto. Viver o luto, e não achar que é uma coisa banal, que a pessoa se foi e acabou, pra eles terem noção o que é um luto em si” (E2, 2022). Assim, ela reconhece e vislumbra possibilidade de trabalho pedagógico sobre o tema, porém numa abordagem conceitual/teórica visto pelas escolhas dos verbos utilizados como saber, aprender e entender.

Caribé, Santos e Ribeiro (2021) destacam, diante da variedade de obras que abordem essa temática, a importância da literatura infantil como ferramenta de apoio para a professora ao possibilitar interpretações e elucidações com o que é trazido e vivido pela criança. Nesta pesquisa, a literatura infantil também foi citada como uma ferramenta/recurso que pode auxiliar a professora a trabalhar com o tema da morte e do luto com crianças pequenas na escola infantil. Nesta perspectiva, E3 (2022) afirma:

[...] se eu fosse abordar eu abordaria a partir da literatura, grupo 4 e grupo 5, da pra gente trabalhar a partir da literatura, da contação de história, junto com eles [...] dessa escuta atenta, de ouvir o que eles trazem também sobre esse tema, pra gente vê até o que a gente trabalharia (E3, 2022).

Vê-se desta forma que, além de vislumbrar a possibilidade de trabalho, ela reconhece a necessidade de se escutar a criança, para compreender qual a sua necessidade e a partir daí planejar a atuação pedagógica, como pontua Santos (2022, p. 75):

A escuta como ato pedagógico funda-se quando a experiência de falar e de ser escutado representa um gesto de acolhimento do ser humano que o escutador tem diante de si, quando o que foi escutado se repercute tanto nas relações e interações, como no currículo, nas situações de aprendizagem que são produzidas cotidianamente pela professora e pelas crianças.

A professora também possui papel de ouvinte na escola e cabe a ela a abertura para escutar o que dizem as crianças e administrar o que será feito a partir dessa comunicação. Ainda nessa perspectiva de escuta e também da morte, Naletto (2005, p. 125) afirma: "as crianças têm muitas coisas a dizer e a saber sobre a morte, mas muitas vezes não se expressam por falta de espaço, de receptividade." O que pode ser obstáculo para essa escuta?

Ao investigar sobre as possibilidades de abordagem da morte e do luto em um CMEI, foi observado que o tema muitas vezes é mascarado. E1 (2022) afirma: "eu profissional nunca pensei, hoje você me chamou atenção no tema [...] pra você ver como passa despercebido." Em contraponto, Naletto (2005, p. 112) lembra que "a escola, à semelhança das instituições de saúde, lida com a doença, a dor, a pobreza e a morte com maior frequência do que se imagina. Isto porque a instituição escolar trabalha com vidas e onde há vida, há também a morte." A primeira ação da escola para o acolhimento dessa realidade é oportunizar que o tema da morte e do luto se torne visível.

As entrevistadas, E2 e E3, diferente da primeira, vislumbraram a possibilidade do trabalho desse tema na instituição a partir das crianças, uma afirmando que seria a partir de uma linguagem lúdica e a outra através do instante da rodinha. Vale lembrar que a rodinha é um momento de socialização quando as crianças trocam e partilham informações, sentimentos através da mediação da professora e auxiliar, utilizando ou não objetos para mediação.

Por fim, embora as professoras entrevistadas não tenham abordado essas possibilidades, compreende-se aqui também que o tema da morte na escola pode estar presente, mas nem sempre trazido apenas pelas crianças. Visto que toda a

comunidade escolar será afetada por perdas ao longo da vida. Nesta perspectiva, durante a pesquisa de campo, certo dia no período de aproximação com as crianças, a autora desta pesquisa foi informada que o pai da docente de uma outra turma faleceu e que, por isso, as crianças estavam sete dias sem frequentar a escola, enquanto a professora usufruía da licença. Ocorreu à autora saber sobre como esta situação seria conduzida pela instituição no retorno da professora ao trabalho. O que seria dito às crianças? Como elas responderiam? Como seria feito esse acolhimento? E a docente? São questionamentos que a autora se fez, mas não teve oportunidade de investigar na instituição escolar, de forma ampliada, durante esta pesquisa de campo.

Além disso, considerando as narrativas das professoras, sujeitos desta pesquisa, o tema do luto também não apareceu de forma explícita. Ao serem perguntadas sobre o tema, há um deslize nas respostas e por fim retomam para falar da morte. Uma outra entrevistada responde de forma objetiva, o que também dificulta a compreensão da dimensão subjetiva e ampliada envolvida neste conceito.

Após a análise dos dados, a partir da escuta das professoras e das crianças, apresentam-se a seguir as principais inferências do trabalho.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escutar e compreender concepções de crianças de cinco anos sobre a morte e o luto, em um CMEI, oportuniza que o tema seja abordado dentro da instituição de EI a partir do olhar da criança. Notou-se que as crianças tecem seus pontos de vista sobre diversos temas, inclusive sobre a morte e o luto. Suas concepções estão alinhadas com a sociedade e com a cultura que está inserida.

Infere-se aqui que os direitos da criança envolvem não apenas o de que se escute o que elas dizem, mas o de que se pense sobre o que será feito com esse material. A partir desta pesquisa, foi possível perceber que existe algo, ainda não bem definido, anterior a escutar e que impede as professoras de acolher essa criança enlutada na escola.

Os relatos trazidos pelas docentes indicaram uma conduta de evitar tratar do assunto. Não há escuta quando não se produz sentido para o que se comunica. Se o adulto evita o tema ele não oportuniza a criança a se expressar, portanto, não escuta e não acolhe.

Foi possível perceber, a partir da pesquisa, que as crianças trazem para o cotidiano da EI uma variedade de temas, inclusive os que estão ligados ao movimento mundial vinculado à pandemia de Covid-19, suas consequências, a morte e o luto.

No caso das professoras, ficou evidente que, embora elas reconheçam a necessidade de que o tema da morte e do luto sejam abordados com as crianças, nem sempre isso acontece. Afinal, se a morte e o luto fazem parte da compreensão do ciclo vital humano, mas o que impede a abordagem desse tema na escola infantil?

Foi observado nesta pesquisa, a partir das experiências docentes, que a formação da professora não contempla o cuidado em tratar da morte e do luto dentro da escola. Visto que todas as entrevistadas negaram o contato com esse tema na formação. Uma lacuna que pode ser uma realidade geral, visto a ausência de políticas públicas que incentivem a formação do professor de forma ampliada.

Considerando o tema da morte e do luto presente no cotidiano da nossa sociedade, é urgente e necessário que esse tema seja trazido para os espaços

formativos na universidade e na instituição de EI. Nesse sentido, a escola pode ser um importante apoiador em formações das educadoras, para sensibilizá-las nessa temática, pois, ao conhecer, pode acolher sua comunidade e melhor identificar quando os processos de elaboração de luto estão precisando de ajuda especializada.

O tema da morte e do luto, embora tenha sido tratado neste trabalho contextualizado pela pandemia de Covid-19, está presente no cotidiano da nossa sociedade, em todos os espaços, inclusive dentro das escolas. A compreensão do luto, como a ressignificação de algo a partir de uma perda, está cotidianamente no trabalho com crianças pequenas. É possível acompanhar processos de transição na escola, seja pela mudança de professora, passagem de grupo, alteração na rotina, desfralde etc. No entanto, nem sempre esses momentos são considerados como potenciais para trabalhar com o luto. E isso ficou evidente nesta pesquisa, pois a compreensão de luto nessa perspectiva não foi trazida pelas professoras entrevistadas.

Todavia, para se trabalhar com a morte e o luto com crianças é preciso que sejam temas incluídos no currículo da escola. Portanto requer uma ressignificação e reconhecimento da sua importância e, assim, pensar no trabalho que será realizado. Diferentemente do que não raro se imagina, mas conforme observado nesta pesquisa, a abordagem desses temas com crianças pode auxiliá-las para um melhor enfrentamento de situações de perdas e morte.

Infere-se que a instituição de EI precisa estar preparada tal qual a professora para lidar com os temas da morte e do luto. Desta forma, ao se deparar com uma situação que envolve esses temas pode lidar e enfrentar melhor, acolhendo esse desafio.

Os temas desta pesquisa, as crianças, suas docentes e seus pontos de vista sobre a morte e o luto em um contexto de pandemia, foram um desafio para a autora. Estruturar e apostar em um assunto que, para muitos, ainda é um tabu, exigiu da autora uma ampla revisão de literatura, sensibilidade para compreensão da realidade da pandemia e um olhar cuidadoso para a perspectiva da criança, do professor e o papel da escola.

Esta pesquisa não buscou esgotar as temáticas, mas trazer luzes para um assunto que se julgou importante e atual, de maneira a incentivar que outros pesquisadores se debrucem sobre ele.

A autora se sensibilizou com as realidades de tantas crianças que sofrem no dia a dia as perdas de entes queridos, cuja falta de acolhimento por pessoas de referência, como a professora, podem fazer perpetuar esse luto por grande parte de sua vida. Com efeito, muitas vezes a professora é a única pessoa a quem eles podem se socorrer nesses momentos de dor.

Propõe-se aqui, por fim, a ampliação deste debate, vislumbrando perspectivas de trabalho na instituição e como parte do currículo da EI, oferecendo espaços de acolhimento para as crianças. Para tanto, as professoras precisam ser sensibilizadas e formadas numa perspectiva de compreensão da morte e do luto como parte do ciclo da vida, em que todos vivenciam ressignificações e precisam lidar com mudanças.

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, F. Concepções sobre luto e morte na infância. In: MARIOTTO, R. M.; **A vivência da morte e do luto na infância e adolescência: recortes psicanalíticos**. 1ª ed. Salvador: Agalma, 2020.
- BACH, E. L.; PERANZONI, V. C. História da Educação Infantil no Brasil: fatos e uma realidade. **EFDeportes.com Revista Digital**, Buenos Aires, n. 192, Maio de 2014. Disponível em:
<<https://www.efdeportes.com/efd192/a-historia-da-educacao-infantil-no-brasil.htm>>
Acesso em: 07 abr. 2022.
- BARBOSA, M. C. S; RICHTER, S. R.S. Campos da Experiência: uma possibilidade para interrogar o currículo. In **Campos de experiência na escola da infância contribuições italianas para inventar um currículo de educação infantil brasileiro**, Campinas: Leitura Crítica, 2015, p.185-198.
- BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, 2018.
- BRASIL. Coronavírus Brasil, 2022. Disponível em: < <https://covid.saude.gov.br/> >
Acesso em: 24 de mar. 2022.
- BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia**. Parecer CNE/CP n.5/2006. Aprovado em 21 de fevereiro de 2006. Disponível em:
<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=136731-rcp002-15-1&category_slug=dezembro-2019-pdf&Itemid=30192> Acesso em 24 de mar. 2022.
- BRASIL. Resolução n.5, de 17 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, p.18, 18 dez. 2009.
- BIANCO, A. C. L. COSTA-MOURA, F. Covid-19: Luto, Morte e a Sustentação do Laço Social. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 40, p. 01-12, dez. 2020.
- CAMPOS, M. M. Por que é importante ouvir a criança? A participação das crianças pequenas nas pesquisas. In: CRUZ, S. H. V. (Org). **A criança fala** a escuta de crianças em pesquisas. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008. p. 35-51.
- CASELLATO, G. Luto não autorizado. In: FUKUMITSU, K. O (Org). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras**. 1ª ed. São Paulo: Summus, 2018. p.207-215.

- CARIBÉ, M. SANTOS, M. O, RIBEIRO, S. Ritualização da vida e da morte por crianças em tempos de pandemia. In: Seminários de Grupos de pesquisa sobre crianças e infâncias, 2021. No prelo.
- COCO, V.; GALDINO, L.; VIEIRA, M. A. F. O. Trajetórias de formação: perspectivas para a docência na Educação Infantil. **Revista Espaço e Currículo**, João Pessoa, v.10, n.2, p.272-289, maio/ago. 2017.
- CUTBILL, A. **A vaca que botou um ovo**. São Paulo: Salamandra, 2018.
- DAMASIO, F.; NOAL, D. (Coord). **Crianças na Pandemia Covid-19**. Série Saúde Mental e Atenção Psicossocial na Pandemia Covid-19. Fundação Oswaldo Cruz. Brasília: 2020.
- DOMINGOS, B.; MALUF, M. R. Experiências de perda e de luto em escolares de 13 a 18 anos. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 16, p. 577–589, 2003.
- FRANCISCHINI, R.; CAMPOS, H. R. Crianças e infâncias, sujeitos de investigação: bases teórico-metodológicas. In: CRUZ, S. H. V. (Org). **A criança fala** a escuta de crianças em pesquisas. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008, p.102-117.
- FREITAS, J. L. F. **Experiência de adoecimento e morte diálogos entre a pesquisa e a Gestalt-terapia**. 1ª ed. Curitiba: Juruá Editora, 2009.
- FRONZA, L. P. *et al.* O tema da morte nas escolas: possibilidades de reflexão. **Barbarói**, Rio Grande do Sul, 2015, n. 43, p. 48-71, out. 2015.
- GALVÃO, I. Pensamento, linguagem e cognição. In: GALVÃO, I. **Henri Wallon**. Petrópolis: Vozes, 1999, p. 77-87.
- GIL, Gilberto. Não tenho medo da morte. Intérprete: Gilberto Gil. In: Gilberto Gil. **Banda Larga Cordel**. 2008. Faixa 8.
- KOVACS, M. J. A morte no contexto escolar: desafios na formação de educadores. In: FRANCO, M. H. P. (Org). **Formação e Rompimento de vínculos** o dilema das perdas na atualidade. 1ª ed. São Paulo: Summus, 2010, p. 145-168.
- KOVACS, M. J. Educadores e a morte. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**. São Paulo, v.16, p. 71-81, jan/jun. 2012.
- MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5ª ed. São Paulo: Atlas, 2003.
- LUDKE, M.; ANDRÉ, M. **Pesquisa em ação abordagens qualitativas**. 2ª ed. Rio de Janeiro: EPU, 2013.

- MOHR, A. M. (org.). **A vivência da morte e do luto na infância e adolescência:** recortes psicanalíticos. 1ª ed. Salvador: Agalma, 2020. p.208-224.
- MARIOTTO, R. M. Morte e luto na criança: a história de apenas um adeus. In: MARIOTTO, R. M.; MOHR, A. M. (org.). **A vivência da morte e do luto na infância e adolescência:** recortes psicanalíticos. 1ª ed. Salvador: Agalma, 2020. p.17-35.
- NALETTO, A. L. Morte e Luto no contexto escolar. In: MAZORRA, L; TINOCO, V. (Org). **Luto na Infância** Intervenções Psicológicas em Diferentes Contextos.1ª ed. Campinas: Livro Pleno, 2005. p. 111-127.
- NUCCI, N. A. G. Educar para a morte: cuidar da vida. In: FUKUMITSU, K. O (Org.). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras.** 1ª ed. São Paulo: Summus, 2018. p.62-74.
- OLIVEIRA, Z. M. R. O currículo na educação infantil: o que propõem as novas diretrizes nacionais? In: I Seminário Nacional: Currículo em movimento Perspectivas Atuais, 2010, Belo Horizonte. **Anais do I Seminário Nacional.** Belo Horizonte: 2010. p. 1-14.
- OLIVEIRA, Z. M. R. Currículo na Educação Infantil: dos conceitos teóricos à prática pedagógica. In: SANTOS, M. O.; RIBEIRO, M. I. S. (Org). **Educação Infantil os desafios estão postos e o que estamos fazendo?** 1ª ed. Salvador: Sooffset Gráfica e Editora Ltda, 2014, p. 187-194.
- PINTO, A. F. E.; FLORES, M. L. R. Formação inicial e valorização das professoras na Educação Infantil. In: ALBUQUERQUE, S. S.; FELIPE, J. CORSO, L. V. (Org); **Para pensar a Educação Infantil em tempos de retrocesso.** 1ª ed. Porto Alegre: Evagraf, 2017, p. 239-255.
- RODRIGUES, M. **O que faço com esse buraco?** 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2020.
- SAFRA, G. Prefácio. In: FUKUMITSU, K. O (Org). **Vida, morte e luto: atualidades brasileiras.** 1ª ed. São Paulo: Summus, 2018. p. 9-14.
- SANTOS, M. O.; FRANCO, N. H. R.; VARANDAS, D. N. Docência na educação infantil: entrelaçamentos entre a formação inicial e a prática pedagógica. **Revista Entreideias**, Salvador, v. 8, n. 2, p. 111-133, maio/ago. 2019.
- SANTOS, M. O. Escutar as crianças é um ato político pedagógico. In LEAL, F. A. L.; CAMPOS, K. P. B. (Org). **O que as pesquisas com e sobre crianças nos dizem?** 1ª ed. Campina Grande: Eduepb, 2022, p. 73-94.

SILVA, J. P. BARBOSA, S. N. F.; KRAMER, S. Questões teórico metodológicas da pesquisa com crianças. In: CRUZ, S. H. V. (Org). **A criança fala: a escuta de crianças em pesquisas**. 1ª ed. São Paulo: Cortez Editora, 2008, p. 79-101.

SOCIEDADE MARANHENSE DE DIREITOS HUMANOS *et al.* **Denúncia de violações dos direitos à vida e à saúde no contexto da pandemia da Covid-19 no Brasil**. Passo Fundo: Saluz, 2021. Disponível em:

<https://sr-upsd-savein.cdn.jelastic.net/wp-content/uploads/sites/120/2021/11/denuncia-a-de-violacoes-dos-direitos-a-vida-e-a-saude-no-contexto-da-pandemia-da-covid-19-no-brasil-documento-denuncia-final-19-11-2021.pdf>. Acesso em: 13 jun. 2022.

TORRES, W. C. **A criança diante da morte**. 2ª ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2002.

APÊNDICE A - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (professores)



Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Educação
Curso de Licenciatura em Pedagogia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (professores)

Você está sendo convidado(a) a participar da Pesquisa “As crianças e seus pontos de vista sobre a vida, a morte e o luto em um contexto de pandemia” do/a estudante Hortencia Barreto Mendes de Figueiredo, um trabalho acadêmico obrigatório para a conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Se concordar em participar dessa pesquisa, por favor, leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido abaixo e assine no local indicado. Observamos que será garantido o anonimato das informações produzidas. Esse Termo contém informações sobre essa pesquisa. Informações adicionais podem ser solicitadas a qualquer momento de sua participação.

Eu, _____, cargo ou função _____, concordo de livre e espontânea vontade em participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações necessárias bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por mim apresentadas.

Estou ciente de que:

- I) A professora-orientadora dessa pesquisa é a Prof.^a Dr.^a Marlene Oliveira dos Santos (UFBA-FACED).
- II) O objetivo geral da pesquisa é compreender o que crianças de quatro e cinco anos de idade e suas docentes de uma escola municipal de Educação Infantil do município de Salvador dizem sobre a vida, a morte e o luto em um contexto pandêmico.

Os objetivos específicos são: Conhecer os pontos de vista de crianças e docentes sobre a vida, a morte e o luto; Identificar se crianças de quatro e cinco anos de idade expressam no ambiente escolar seus pontos de vista sobre a vida, a morte e o luto; Investigar o que a professora de Educação Infantil faz com as manifestações de crianças sobre a vida, a morte e o luto no contexto pandêmico no cotidiano da escola de Educação Infantil.

III) O trabalho da pesquisa será desenvolvido através de uma entrevista semiestruturada e de observações na sala de referência do grupo e nos diversos espaços escolares, para uma aproximação com as crianças. Propõe-se que a escuta das crianças seja feita por meio de diferentes técnicas e procedimentos, tais como: contação de história, pinturas, desenhos, colagem, brincadeiras, narrativas orais, gravação de áudios.

IV) O período para a realização da pesquisa de campo é de 10 de abril a 10 de maio de 2022.

V) A minha participação nesta pesquisa é voluntária e tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem a necessidade de qualquer explicação.

VI) A desistência não causará qualquer prejuízo a mim ou a instituição de Educação.

VII) Será garantida a preservação da sua identidade e privacidade como participante da pesquisa. Os resultados obtidos serão apresentados de forma a não identificar o nome da instituição de Educação Infantil. O meu nome não aparecerá em nenhum outro lugar, a não ser neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

VIII) Os dados obtidos por meio de minha participação serão de uso exclusivo dessa pesquisa.

IX) As informações e os resultados obtidos por meio da pesquisa serão utilizados apenas para finalidade científica: publicação, apresentação em seminários e outros eventos acadêmicos e de divulgação da pesquisa, mantendo-se sempre o anonimato das informações.

X) O contato que tenho para recorrer à responsável geral pela pesquisa, caso haja algum problema durante sua realização, é o e-mail dossantos.ufba@gmail.com, da professora-orientadora.

Li todos os itens acima, tive minhas dúvidas retiradas e concordo em participar da pesquisa.

Salvador, _____ de _____ de 2022.

Nome: _____

Assinatura: _____

APÊNDICE B - Roteiro de entrevista semiestruturada - Professoras



Roteiro de entrevista semiestruturada - Professores

1 Dados gerais:

Idade:

Sexo:

Raça:

Formação:

Religião:

Tempo de atuação em escola de Educação Infantil:

Motivo da escolha profissional:

E-mail para contato:

2 Sobre o tema da pesquisa

1. Você pode dizer se alguma vez durante sua experiência profissional na área de Educação Infantil já teve contato com o tema da morte e do luto? Se sim, fale sobre isso.
2. Durante sua atuação como professora de Educação Infantil o tema da morte já foi trazido pelas crianças? Se sim, o que você fez? O tema foi trabalhado? Como esse tema foi trabalhado? Qual foi a reação das crianças?
3. Como vê o tema da morte, da vida e do luto no trabalho pedagógico com crianças pequenas?
4. Você tem dificuldade em trabalhar esse tema com crianças de quatro e cinco anos? Quais seriam os desafios?
5. Quais recursos você imagina que podem auxiliar o professor para trabalhar com o tema da morte, da vida e do luto nas turmas de Educação Infantil?

6. Como vê o tema da morte, da vida e do luto no trabalho pedagógico com crianças pequenas?
7. O tema da morte, da vida e do luto foi tratado alguma vez durante sua formação profissional? Conte um pouco dessa experiência.
8. Qual seria o papel do professor e da escola ante a presença da morte em turmas de Educação Infantil?
9. Quais as possibilidades de abordagem da morte, da vida e do luto numa escola de Educação Infantil?

APÊNDICE C - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (pais e/ou responsáveis)



Universidade Federal da Bahia - Faculdade de Educação
Curso de Licenciatura em Pedagogia

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (pais e/ou responsáveis)

A sua criança que está sob sua responsabilidade legal (seu representado) está sendo convidado(a) a participar da Pesquisa “As crianças e seus pontos de vista sobre a vida, a morte e o luto em um contexto de pandemia” do/a estudante Hortencia Barreto Mendes de Figueiredo, um trabalho acadêmico obrigatório para a conclusão do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Se concordar que ele(a) participe desta pesquisa, por favor, leia o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido abaixo e assine no local indicado. Observamos que será garantido o anonimato das informações produzidas. Esse Termo contém informações sobre essa pesquisa. Informações adicionais podem ser solicitadas a qualquer momento de sua participação.

Eu, _____,
responsavel legal por _____, no
grau de parentesco _____ concordo de livre e espontânea vontade em
participar como voluntário(a) nesse estudo. Declaro que obtive todas as informações
necessárias bem como todos os eventuais esclarecimentos quanto às dúvidas por
mim apresentadas.

Estou ciente de que:

I) A professora-orientadora dessa pesquisa é a Prof.^a Dr.^a Marlene Oliveira dos Santos (UFBA-FACED).

II) O objetivo geral da pesquisa é compreender o que crianças de quatro e cinco anos de idade e suas docentes de uma escola municipal de Educação Infantil do município de Salvador dizem sobre a vida, a morte e o luto em um contexto pandêmico.

Os objetivos específicos são: Conhecer os pontos de vista de crianças e docentes sobre a vida, a morte e o luto; Identificar se crianças de quatro e cinco anos de idade expressam no ambiente escolar seus pontos de vista sobre a vida, a morte e o luto; Investigar o que a professora de Educação Infantil faz com as manifestações de crianças sobre a vida, a morte e o luto no contexto pandêmico no cotidiano da escola de Educação Infantil.

III) O trabalho da pesquisa será desenvolvido através de uma entrevista semiestruturada e de observações na sala de referência do grupo e nos diversos espaços escolares, para uma aproximação com as crianças. Propõe-se que a escuta das crianças seja feita por meio de diferentes técnicas e procedimentos, tais como: contação de história, pinturas, desenhos, colagem, brincadeiras, narrativas orais, gravação de áudios.

IV) O período para a realização da pesquisa de campo é de 10 de abril a 10 de maio de 2022.

V) A minha participação nesta pesquisa é voluntária e tenho a liberdade de desistir ou de interromper a colaboração neste estudo no momento em que desejar, sem a necessidade de qualquer explicação.

VI) A desistência não causará qualquer prejuízo a mim ou a instituição de Educação.

VII) Será garantida a preservação da sua identidade e privacidade como participante da pesquisa. Os resultados obtidos serão apresentados de forma a não identificar o nome da instituição de Educação Infantil. O meu nome não aparecerá em nenhum outro lugar, a não ser neste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

VIII) Os dados obtidos por meio de minha participação serão de uso exclusivo dessa pesquisa.

IX) As informações e os resultados obtidos por meio da pesquisa serão utilizados apenas para finalidade científica: publicação, apresentação em seminários e outros

eventos acadêmicos e de divulgação da pesquisa, mantendo-se sempre o anonimato das informações.

X) O contato que tenho para recorrer à responsável geral pela pesquisa, caso haja algum problema durante sua realização, é o e-mail dossantos.ufba@gmail.com, da professora-orientadora.

Li todos os itens acima, tive minhas dúvidas retiradas e concordo em participar da pesquisa.

Salvador, _____ de _____ de 2022.

Nome: _____

Assinatura: _____

ANEXO A - Autorização da Secretaria Municipal de Educação

Processo - SMED/SEATE | No 48433/2022

Prezado(a) Diretor(a),

De Ordem da Gerência de Currículo/Diretoria Pedagógica/SMED, fica autorizado pesquisa intitulada "AS CRIANÇAS E SEUS PONTOS DE VISTA SOBRE A VIDA, A MORTE E O LUTO EM UM CONTEXTO DE PANDEMIA", para fins de Trabalho de Conclusão de Curso, que tem como objetivo geral compreender o que crianças de quatro e cinco anos de idade e suas docentes de uma escola municipal de Educação Infantil da cidade de Salvador dizem sobre a vida, a morte e o luto em um contexto pandêmico. A pesquisa, em questão, será desenvolvida pela estudante Hortência Barreto Mendes de Figueiredo, do Curso de Licenciatura em Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade Federal da Bahia - UFBA, sob a orientação da Profa. Dra. Marlene Oliveira dos Santos.

A assinatura do Termo de Compromisso (apenas para Estágio Curricular Obrigatório) é de responsabilidade do(a) Diretor(a) da Escola. Os documentos PPP, REGIMENTO ESCOLAR, PLANO GESTOR, entre outros específicos da escola, só poderão ser analisados, se necessário, na própria Unidade Escolar. Para realização de pesquisa de Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), pesquisa de Pós-Graduação Lato Sensu e Stricto Sensu, o pesquisador deverá apresentar o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido aos sujeitos da pesquisa, o mais amplo esclarecimento sobre a investigação a ser realizada. Mais informações sobre a documentação necessária referente ao protocolo de atendimento à Estágio Curricular e Pesquisa, acesse: <http://educacao.salvador.ba.gov.br>

Atenciosamente, Vanilza Jordão

**Gerência de Currículo/Diretoria Pedagógica Secretaria Municipal de Educação - SMED (71)
3202.3065/3066**

